

José Valmi Oliveira Torres  
Rosilene Dias Montenegro

**Escola Politécnica:**  
**Construindo o imaginário de modernidade**  
**em Campina Grande através**  
**do *Diário da Borborema***

Universidade Federal de Campina Grande  
2007



# Índice

<b>Apresentação</b>	<b>7</b>
<b>1 Campina Grande dos anos 50 e os desafios de progresso e modernização</b>	<b>11</b>
1.1 Embate político e mobilização do imaginário de progresso . . . . .	19
<b>2 Escola Politécnica: um projeto de desenvolvimento</b>	<b>25</b>
<b>3 A imagem da Escola Politécnica pelo diário da Borborema</b>	<b>39</b>
3.1 Politécnica: um caminho para o desenvolvimento regional . . . . .	40
<b>Considerações finais</b>	<b>57</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>59</b>
<b>Anexos</b>	<b>63</b>

*“Algo é só impossível até que alguém duvide e acabe provando o  
contrário”*  
Albert Einstein

## **Resumo**

O presente trabalho é resultado de dois anos de pesquisas no Diário da Borborema, no qual faço uma análise de sete notícias sobre a Escola Politécnica, fazendo um recorte temporal de 1957, com a criação desse jornal até 1963, com a criação do Curso de Engenharia Elétrica. Buscando mostrar como esse veículo de comunicação vai construir a imagem de uma Politécnica moderna, onde a mesma estava contribuindo para o desenvolvimento tecnológico de Campina Grande e demais região. Busco ainda, perceber até que ponto essas imagens publicadas pelo Diário vão contribuir para que a cidade fosse percebida como pólo tecnológico.

**Palavras-chave:** Escola Politécnica, Modernidade e Imprensa.

## **Abstract**

The present work is resulted of two years of research in the Diário da Borborema, in which I make an analysis of seven notice on the Escola Politécina, making a secular clipping of 1957, with the creation of this periodical up to 1963, with the creation of the Course of Electric Engineering. Searching to show as this vehicle of communication it goes to construct the image of an Politécina modern, where the same one was contributing for the technological development of Campina Grande and too much region. I still search, to perceive until point these images published for the Diário one go to contribute so that the city was perceived as technological polar region.

**Word-key:** Escola Politécina, Modernity and the Press

# Apresentação

O despertar para o estudo dessa temática começou com minha participação no projeto: “Organização da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande-PB (1952-2002)”, inicialmente como aluno bolsista (de abril de 2004 a julho de 2005), e depois, como voluntário até o presente momento.

Esse projeto tem realizado ao longo de sua existência, um excelente trabalho de localização, organização e preservação das fontes documentais escritas, bem como recolhendo depoimentos orais dos sujeitos que participaram do esforço pioneiro e contínuo de produção do conhecimento científico e tecnológico no âmbito da antiga Escola Politécnica, desde sua criação até os dias atuais, transformada em Centro de Ciência e Tecnologia, e da Faculdade de Ciência Econômica, transformada em Centro de humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Ao longo desses quase três anos de pesquisa investigando a memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande, desde sua origem com a criação da Escola Politécnica, em 1952, passando pela criação da Faculdade de Ciências Econômicas, em 1959, percebemos um quadro em que se entrelaçam ações e realizações, conquistas e derrotas, avanços e recuos, impasses e a descoberta de alternativas e continuidade. Compreendemos que essa memória é marcada pela existência de um sentimento de pertencimento, de cooperação, de uma identidade social, mas também, de disputa de poder.

A minha participação nesse projeto de pesquisa, tem sido uma experiência de busca incessante por conhecer e reescrever a me-

mória da ciência e tecnologia em Campina Grande. O que me levou de forma irrecusável a escolher essa temática para trabalhar na presente monografia.

Inicialmente minha atividade no Projeto foi à catalogação dos conjuntos documentais do Arquivo Intermediário da UFCG – chamado de Arquivo Geral –, acompanhado com parte da equipe. Posteriormente, devido a divisões de tarefas dentro do projeto, passei a acompanhar a coordenadora do projeto, professora Rosilene Dias Montenegro, em algumas entrevistas com funcionários e professores da antiga Escola Politécnica, e também fazendo a transcrição dessas entrevistas, seguida da catalogação das matérias relacionadas à ciência e tecnologia em Campina Grande, no período de 1957 a 2002; trabalho que foi feito no arquivo do Diário da Borborema juntamente com o bolsista Fábio Ronaldo da Silva, também integrante do projeto.

A escolha pela pesquisa dessa fonte documental se deu pelo fato de ser esse o mais antigo jornal de circulação diária e ininterrupta, na cidade, desde sua fundação, em outubro de 1957.

A partir da pesquisa realizada no Diário da Borborema pudemos observar que esse veículo de comunicação abre espaço em suas matérias, dentre outros assuntos, para questões relacionadas ao desenvolvimento técnico científico de Campina Grande, bem como para instituições que contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Nesse sentido, objetivamos perceber como o Diário da Borborema mostra a imagem da Escola Politécnica como possível contribuidora no desenvolvimento econômico, científico e tecnológico não apenas da cidade, mas de toda a região em notícias publicadas durante os anos de 1957 a 1963. Ao analisar as matérias do periódico já citado tentaremos observar até que ponto e se, a Escola Politécnica realmente contribuiu para que a cidade fosse hoje percebida como um pólo tecnológico.

O trabalho aqui apresentado é composto de três capítulos mais a conclusão. No primeiro capítulo, procuro apresentar as condições difíceis em que se encontrava a região Nordeste da época, em contraste com a euforia, vivenciada pelo Centro-Sul, após a

eleição de presidente Juscelino Kubitscheck e o início da implantação do projeto desenvolvimentista. Fruto dessas contradições entre as regiões, cresce as insatisfações e surge a proposta de equilibrar o desenvolvimento. Além de descrever esse cenário, destacamos o papel que o grupo desenvolvimentista campinense teve nessa discussão e nos desdobramentos da mesma, a partir do Iº Encontro dos Bispos do Nordeste. Ainda nesse capítulo demonstro como se deu a recepção, em Campina Grande, ao Plano de Metas, nome dado ao projeto desenvolvimentista do governo JK, o qual se constitui de um projeto reconhecidamente modernizador e eminentemente voltado para os interesses da indústria.

No segundo capítulo, mostro como Campina Grande, em consonância com o debate dos grandes problemas nacionais e a tendência de aprofundamento do projeto de modernização do país, onde o Estado desempenharia papel decisivo no desenvolvimento industrial, aplicando em setores básicos da economia, executando obras de infra-estrutura, tais como: transportes, energia, comunicações etc., cria a Escola Politécnica, ressaltando o idealismo e obstinação dos cidadãos, a maioria membros das elites empresariais, políticas e intelectuais, responsáveis por esta criação, e a visão dos membros de que essa instituição de ensino superior responderia aos desafios de superar o atraso. No segundo capítulo mostro, ainda, que a Escola Politécnica teve um papel preponderante para o desenvolvimento da Paraíba e da região, contribuindo na formação de grande número de engenheiros civis, eletricitas, mecânicos, que egressavam dessa instituição como bons técnicos e respondiam a demanda não só da região mas de todo Brasil.

Por fim, no terceiro capítulo serão analisadas sete notícias (publicadas entre os anos de 1957 a 1963) sobre a Politécnica tentando perceber até que ponto ciência e tecnologia em Campina Grande, principalmente matérias relacionadas à Escola Politécnica. A partir dessa fonte, objetivamos mostrar como esse periódico carregou para si, à responsabilidade de ser o principal difusor de uma Campina Grande de “ares” progressista nas décadas de 50

e 60 e como as instituições que contribuíram para o progresso da cidade ganha desde o início, espaço nas colunas desse jornal.

# **Capítulo 1**

## **Campina Grande dos anos 50 e os desafios de progresso e modernização**

Ao longo dos anos cinquenta, o município de Campina Grande era o mais desenvolvido do Estado da Paraíba e adquiria importância significativa no cenário regional. Evidente que tínhamos na região Nordeste outros centros mais desenvolvidos que Campina Grande, no entanto, se tomarmos o desenvolvimento vivenciado por esta cidade e compararmos com a situação geral do Nordeste, a conclusão a que chegaremos é que Campina Grande se desenvolvia muito mais que várias cidades dessa Região.

As políticas públicas implementadas na região eram, geralmente, ineficazes e atrasadas como mostra essa citação de Raimundo Moreira, comparando as política de desenvolvimento do Nordeste e do Centro-Sul:

[...] Desenvolvia-se no Centro-Sul uma política de inversões dentro de um programa orientado com objetivos definidos, visando à industrialização, enquanto no Nordeste se levava a cabo uma política “assistencialista”. A ação governamental no Nordeste centrava-se na política de

combate às secas e tinha efetivamente um caráter filantrópico [...] (MOREIRA, 1979, pp. 32-43).

De acordo com Lima (2004, p.48): “essa realidade global do Nordeste não se reflete em Campina Grande, ao contrário, ao entrar nos anos cinquenta o município já se destacava como um centro industrial em franca ascensão e continua durante toda década”. O crescimento era tanto que, em 1959, Campina tinha 111 estabelecimentos industriais, enquanto João Pessoa tinha 93 estabelecimentos. Em termos quantitativos, o número de indústrias, de habitantes, de lojas de comércio, somando-se ainda sua importância como pólo comercial de algodão, fazia dessa cidade um centro propulsor de crescimento econômico.

Na década de 50, o crescimento industrial de Campina Grande é considerável. Entre 1950/54 o município contribui com 1/3 da arrecadação do Estado, sendo assim dividido: 1950 33%, 1951 38%, 1952 25%, 1953 26%, 1954 32%. É importante destacar também o peso político do município, em 1954, Campina Grande constituía-se no maior núcleo eleitoral do Estado, com 55.774 votantes, enquanto João Pessoa contava com 25.575 eleitores.<sup>1</sup>

Esse crescimento econômico vivido em Campina Grande fortalecia ainda mais as representações expressa no imaginário<sup>2</sup>. Que segundo Raul Girardet (1987) o domínio desse imaginário têm sido mobilizado, em momentos de incertezas e também de esperanças, de forma a motivar ações individuais e coletivas que se consuma em mudanças importantes. Em termos gerais, esse imaginário está relacionado ao sonho de transformar o Brasil numa grande nação, e, em termos mais específicos, essas ações visavam dar prosseguimento ao processo de desenvolvimento econômico da cidade. Campina Grande, haveria segundo esse imaginário, de realizar sua vocação e predestinação de “cidade do trabalho”,

<sup>1</sup> ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. A Ciranda da Política Campinense. In: IMAGENS Multifacetadas da História de Campina Grande. Campina Grande: PMCG, 2000. pp. 79-100.

<sup>2</sup> Diário da Borborema: 10/01/1958.

“capital financeira da Paraíba”, “pólo de desenvolvimento”, “Liverpool Brasileira”, e cidade do “futuro de prosperidade”. Referências sobre Campina muito recorrente nas páginas do Diário da Borborema<sup>3</sup>.

Segundo Montenegro (2004, p.68): “o imaginário não constitui apenas reflexos do momento histórico, mas dele também participa como instituidor”. Nesse sentido, o imaginário coletivo tem uma importância fundamental para o estudo da história política, de acordo com Gilbert Durand (1997) deve-se a sua função no processo de apreensão e representação do real. Em outras palavras, o imaginário é um estado de consciência e, por conseguinte, de apreensão do mundo.

A partir de pesquisas realizadas no Diário da Borborema, jornal de circulação diária em Campina Grande, podemos observar que essas imagens de da cidade de Campina Grande, na primeira metade da década de cinquenta, estavam em consonância com as imagens de progresso dos principais centros econômicos do Brasil, nesse mesmo período. De forma geral, o país vivia na década de mil novecentos e cinquenta uma grande crise econômica e política, conforme se pode constatar na historiografia dessa época<sup>4</sup>. O que torna o estudo sobre a história econômica e política de Campina grande desse período, um assunto para o conhecimento de nossa história, tanto local como, também, nacional.

As ações políticas com fins de crescimento econômico de Campina grande, que vinham sendo perpetradas desde a primeira metade dos anos cinquenta, iriam apresentar seus primeiros resultados, antes mesmo do final dessa década. O desenvolvimento econômico da cidade é um aspecto importante para a análise re-

<sup>3</sup> Jornal campinense, fundado em 02/10/1957, cuja linha editorial estava muito ligada a elite empresarial campinense.

<sup>4</sup> Leandro Konder, em seu texto “Os intelectuais e os anos cinquenta”, analisa o papel de intelectuais brasileiros em suas reflexões sobre o Brasil da primeira metade dos anos cinquenta do século passado. Em sua análise, Konder ressalta a profunda crise política econômica por que passava o país. Konder ressalta também, a mudança e o clima de incerteza, promovida pelo governo JK.

ferente à recepção bastante favorável, do projeto político do governo de JK (1956-1961); e, principalmente no que diz respeito à recepção e repercussão das idéias de modernização e modernidade.

É importante referendar que, face às especificidade da política paraibana, a cidade de Campina Grande tinha suas bases políticas apoiadas sobre práticas oligarcas, coisa muito comum na época. Assim, se no plano político as práticas divergiam do projeto político defendido pelo governo de Juscelino Kubitschek, no plano econômico as ações visando o progresso econômico a colocavam em sintonia com o imaginário político em ação.

Com a chegada de Juscelino Kubitschek à presidência da República, e a implantação de sua política desenvolvimentista, as idéias de progresso e modernização terão grande repercussão no município de Campina Grande. As lideranças políticas atreladas ao comércio e principalmente ao setor industrial, que vinham atuando de forma acanhada, começam a ganhar destaque e a cobrar as medidas imprimidas nacionalmente chegassem até o âmbito local.

De 1930 a meados de 1950 com a modernização e como acontecia nos principais centros urbanos do país, como no Rio de Janeiro, o pensamento urbanístico campinense foi marcado pela filosofia positivista, que associava a o progresso à noção do que era belo, higiênico e salubre. É importante lembrar que o pensamento naquela época era justificado com argumentos sofisticados e legitimado pelo saber científico e técnicos que os fundamentavam.

Antes mesmo da implementação da política do Estado Novo perpetrada por Vargas, Campina sai na frente e toma medidas no sentido de modernizar-se para atrair novos investimentos. Essa inserção ganha fôlego nos anos 50 e se configura em substancial possibilidade para o desenvolvimento local.

Em 6 de outubro de 1952, iniciava, com idealismo e obstinação de alguns cidadãos campinenses, que sonhavam com a criação de uma instituição de ensino superior em Campina Grande, como uma forma de lutar contra o atraso e superar os desafios que im-

pedia a cidade se desenvolver. Foi criada a Escola Politécnica, um marco histórico que materializava parte desse imaginário de progresso tão propagado por parte das elites campinenses.

A Escola Politécnica já nasce com a missão de fornecer mão de obra qualificada para as empresas que viessem se instalar na cidade. Como bem retrata o artigo do jornalista Lopes de Andrade publicado no Diário da Borborema, em 01/08/1958, página 07 na sua coluna “Homens e Fatos” afirma que a Escola Politécnica ajudará o Brasil a sair do atraso histórico técnico científico que assola o país”. Como podemos perceber havia uma esperança de que os engenheiros formados na Escola Politécnica iriam ajuda o Brasil a superar os problemas do país relacionados à ciência e tecnologia, isto é, havia uma grande valorização do curso e da própria instituição.

Concomitantes com o desenvolvimento da cidade, ainda na década de cinquenta foram criadas a Fundação para o desenvolvimento da Ciência e da técnica (1952), a Faculdade de Serviço Social, que posteriormente iria se transforma na Universidade Regional do Nordeste (FURN), a Faculdade de Filosofia, a Escola Técnica do Comércio de Campina Grande, a Faculdade Católica de Filosofia. Várias empresas voltadas para o desenvolvimento também foram criadas nesse período: a SANESA (Saneamento de Campina Grande Sociedade Anônima), a Companhia Municipal de Desenvolvimento (CUMUDE), o Fundo de Desenvolvimento Agro-industrial FADIN, o Banco de Fomento da Produção (BANFOP). Essas instituições foram de fundamental importância para o desenvolvimento de Campina Grande.

Com o aceleração do processo de industrialização dos anos 50, o país ganha nova configuração. Essas mudanças no campo econômico e demográfico contagiam toda a estrutura social, como mostra essa citação de Octávio Lanni:

Em síntese, ao desenvolver-se ainda mais o modo de produção capitalista no Brasil (como parte do sistema capitalista mundial) desenvolveram-se tanto as relações de produção como o conjunto da estrutura social. Principal-

mente nos centros urbanos e industriais mais importantes do País, desenvolveu-se bastante a estrutura de classes sociais, com suas implicações políticas e culturais. A própria cultura, em sentido amplo, transformou-se de modo notável, pelo desenvolvimento de novas formas de pensar e novas possibilidades de ação. Pouco a pouco, avançava a hegemonia da cidade, enquanto universo cultural singular, sobre a cultura de tipo agrário. Pode-se mesmo dizer que durante o Governo Juscelino Kubitschek de Oliveira a cidade conquistou uma segunda vitória sobre o campo, no sentido de que o poder político passou, em maior escala, às mãos da burguesia industrial. De fato, nesses anos, a “cultura da cidade”, enquanto sistema de valores, padrões de comportamento e modos de pensar peculiares às relações de produção geradas com a produção industrial e a expansão do setor terciário, passou a exercer uma influência ainda maior nos debates políticos, científicos e artísticos realizados nos centros dominantes do País. A partir dessa época, já não era mais possível reviver — a não ser como anacronismo — a ideologia da “vocação agrária” do Brasil. A indústria, como categoria econômica, política e cultural passara a dominar o pensamento e a atividade dos governantes, e das classes sociais dos centros urbanos grandes e médios.<sup>5</sup>

Essa discussão sobre o desenvolvimento trouxe à tona um ponto nevrálgico da política do crescimento acelerado, proposto pelo presidente JK no seu plano de metas, trata-se das desigualdades regionais.

Todavia, esse problema do desenvolvimento não era novo, visto que desde quando o Brasil ainda era América portuguesa, nunca foi possível uniformizar o desenvolvimento entre as regiões. Tivemos sempre um crescimento localizado em determinadas regiões enquanto outras ficavam estagnadas. Entretanto, a

---

<sup>5</sup>IANNI, Octávio. Estado e Planejamento Econ mico no Brasil. São Paulo: Editora Civiliza o Brasileira, 1991, p.177.

partir do slogan “cinquenta anos em cinco” da candidatura de Juscelino Kubitschek: Essas disparidades ficaram mais nítidas. Era visível o forte crescimento da região Centro-Sul, em detrimento de outras regiões que permaneciam estagnadas. Sendo assim, a discussão a cerca das desigualdades entre as regiões ganha terreno no Nordeste.

Muitos foram os debates organizados na região com o intuito de encontrar soluções que pudessem resolver o atraso econômico, político e social da região Nordeste e conseqüentemente diminuir as disparidades entre o Centro-Sul, em desenvolvimento e o Nordeste em crônico atraso. No entanto, Campina Grande toma à frente de outras cidades nordestinas, na busca de soluções para o problema do atraso econômico, como exposto acima. Uma dessas ações foi a promoção, em maio de 1956, do primeiro encontro dos Bispos do Nordeste: um fato significativo que marcará mudanças na política econômica do governo federal em relação à região.

Esse encontro teve a participação do Arcebispo do Rio de Janeiro D. Helder Câmara, representando a igreja católica, representantes das Federações das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), intelectuais de renome como Celso Furtado, Aluízo Campos, além de lideranças empresariais da região. No encerramento desse encontro esteve presente o Presidente da República Juscelino Kubitschek.

Assim, as discussões acerca das desigualdades entre as regiões entram em pauta e ganham fôlego na região Nordeste e no país. Alguns fatos foram preponderantes para acirrar as discussões. Entre estes estão: a seca, ocorrida a partir de meados da década de 50 e que teve seu ponto máximo no ano de 1958, aparecimento das ligas camponesas, em 1956, e a própria condição de estagnação econômica que se encontrava a essa Região. Esses fatos passam a serem vistos, pela burguesia nacional, como uma ameaça à sua hegemonia. Sendo assim, tanto a burguesia do Centro Sul como a nordestina irá cobrar do governo federal soluções que venha na direção de acalmar os ânimos exaltados.

Depois do I Encontro dos Bispos do Nordeste foi criado o

Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), dentre as várias medidas expedidas pelo governo JK. Os resultados dos primeiros estudos podem ver na citação de Lima (2004, p.33):

O projeto de desenvolvimento proposto pela GTDN tinha os seguintes objetivos: fixar na região capitais oriundos de outras atividades econômicas que, eventualmente, tendia a emigrar para outras regiões, principalmente para a região Sudeste; dar emprego a grande massa populacional flutuante existente na região; e criar nova classe dirigente imbuída do espírito de desenvolvimentismo.<sup>6</sup>

Quando o GTDN adota a fixação de capitais formados na região, só reforça a política que já vinha sendo implementada em Campina Grande. Pois a maioria das indústrias de transformação, representadas pelas fábricas de artefatos de couro, instrumentos agrícolas, massas e papel o capital investido nessas fabricas era oriunda da própria cidade. Essas indústrias ocupavam muita mão de obra. Outro objetivo do GTDN era criar nova classe dirigente imbuída do espírito de desenvolvimento. Nessa direção, Campina Grande é privilegiada, pois desde o início da década de 50 começa a se destacar na cidade um grupo de empresários e intelectuais defensores da industrialização como forma de superar os problemas de ordem social e econômica vivenciados pela região.

Nesse sentido, as discussões ocorridas no Iº encontro dos Bispos do Nordeste e dentro da GTDN, fortaleciam ainda mais a idéia de que, a industrialização seria a solução para sanar os problemas do município e da região como um todo. A partir dos anos 50, de simples aspiração de um seletivo grupo em projeto político e econômico passa a ser defendido por vários setores da sociedade campinense.

---

<sup>6</sup> LIMA, Damião. O processo de industrialização via incentivos fiscais: Expansão e Crise em Campina Grande. Dissertação de Mestrado em Economia Rural. Campus II/UFPB.

Esse imaginário de “prosperidade” e de “progresso” tão frequentemente encontrado nas páginas do diário da Borborema, contagia tanto a elite campinense como também autoridades estaduais, ver citação de Lima (2004,p.42)

A euforia do desenvolvimentismo contagia também, as autoridades estaduais, durante o governo de Flávio Ribeiro Coutinho (1956/58) o Estado da Paraíba passa a isentar de todos os impostos estaduais as indústrias de vulto econômico que vissem a se instalar no território estadual, nos termos da lei n 2.031 de abril de 1959. O Fundo de Desenvolvimento Agrícola e Industrial (FAGRIN), criado pela lei n 2.032 da mesma data.

Esses incentivos variavam de 04 a 10 anos de isenção de impostos estaduais, dependendo do capital investido e do tipo de indústria a ser instalada. Se a indústria não tivesse outra similar no Estado, utilizasse matéria prima local e investisse valor igual ou superior a Cr\$ 8.000.0000,00, conseguiria o máximo de isenção. Havendo indústria similar, os mesmos benefícios só seriam concedidos se o valor investido fosse dobrado.

## **1.1 Embate político e mobilização do imaginário de progresso**

Em 1959 se dá o primeiro confronto entre as duas correntes políticas, que refletiam o embate que se dava na região. Apesar de ambas defenderem a intervenção do Estado para combater as disparidades regionais, tanto na forma como no conteúdo dessa intervenção, as duas correntes políticas divergiam de forma radical.

Essa campanha eleitoral singular devido a dimensão do confronto político entre os dois candidatos<sup>7</sup>, de um lado, o então Deputado Severino Cabral, do Partido Social Democrático (PSD), e

<sup>7</sup> Cf. SYLVESTRE, Josué. Nacionalismo & Coronelismo - fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1954-1964): Brasília: Senado Federal. Centro Gráfico. 1988.,pp.241-242.

do outro, seu rival eleitoral o empresário Newton Rique, do Partido trabalhista Brasileiro (PTB), apresentava uma contradição, pois, se na esfera federal, esses partidos eram a sustentação do política do governo, no âmbito local a política não só os transformava em opositores, mas em projetos políticos opostos.

Enquanto as forças políticas tradicionais do município, assim como as oligarquias tradicionais de toda a região, defendiam apenas maior envio de verbas para a região o que, em última instância, representava a continuidade da política que vinha sendo aplicada desde o início do século, pautada no fortalecimento das oligarquias locais e no mais deslavado assistencialismo, o grupo da FUNDACT e FIEP, articulado com os elaboradores do GTDN e em consonância com os anseios da burguesia industrial do Centro-Sul, elaborou um plano de governo que, mesmo tratando efetivamente dos problemas municipais, contemplava a discussão nacional e refletia o projeto político do GTDN que, nesse sentido reforçaria as oligarquias com políticas assistencialistas. Esse documento representava a novidade na forma de fazer política no município, como mostra essa citação de Alarcon Agra:

Para um candidato a prefeito em especial, o petebista Newton Rique, Campina Grande vivia um impasse: precisava desenvolver-se imediatamente, mas não possuía as condições necessárias para tal. Como resposta a esta demanda que era percebida como um desejo latente da população (que se via infelizmente reprimido pelas circunstâncias), este candidato lançou mão de uma iniciativa até então inédita na história política da cidade: fez divulgar um Plano de Governo por escrito, no qual desenhava simultaneamente o seu sonho de cidade e os caminhos entendidos aí como legítimos para a sua concretização<sup>8</sup>.

Este documento, intitulado de Revolução da Prosperidade, promoveu a canalização de todo um debate existente na cidade de forma desconexa e fragmentária e o articu-

---

<sup>8</sup> Revolução da prosperidade. Programa de governo do candidato Newton Rique do PTB. Campina Grande. 1959.

lou nos termos de um projeto desenvolvimentista amplo e voltado para todas as experiências de vida de Campina Grande.<sup>9</sup>

O plano de governo que esse grupo desenvolvimentista apresentou, nas eleições de 1959 mostrava como solucionar os problemas que assolavam a região a partir do desenvolvimento interno, que tinha como fator aglutinador a industrialização. Como nos mostra esse pequeno trecho do plano de governo: “Não se resolve o problema da miséria em uma cidade de 100 mil habitantes, sem emprego e estes empregos só podem vir das atividades remuneradoras da indústria”.

Essa proposta eleitoral exposta no programa de governo do candidato Newton Rique, está muito mais em consonância com imaginário de progresso tão em voga nas páginas do Diário da Borborema. Sem falar que era a primeira vez, segundo Josué Silvestre<sup>10</sup>, que um candidato expunha o seu plano de governo. Novidade esta que teve Juscelino Kubitschek como seu iniciador, quando disputou a campanha eleitoral para a presidência da República<sup>11</sup>.

Já o então Deputado Severino Cabral, do Partido Social Democrático (PSD), em oposição ao plano de governo do seu rival eleitoral, o empresário Newton Rique, propõem no item do “Plano para Campina Grande”, referente ao desenvolvimento rural, providências na área de educação rural, fomento agropecuário, criação do Banco Municipal de Crédito Cooperativo e construção de silos e armazéns, tudo voltado para um melhoramento da vida do homem do campo. Já no que se refere à industrialização, o “Plano para Campina Grande”, era vago e generalizante. Vejamos:

---

<sup>9</sup> AGRA DO Ó, Alarcon. O Leito de Procusto: Nacional Desenvolvimento e Educação (Campina Grande, 1959). Mestrado em Educação. João Pessoa: UFPB, 1996, p. 20.

<sup>10</sup> SYLVESTRE. Op.cit.p.242.

<sup>11</sup> Cf. MONTENEGRO, Rosilene. Juscelino Kubitschek: mitos e mitologias políticas do Brasil moderno. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp. Campinas, 2001.

Um dos aspectos que consideramos de maior importância é o apoio que a administração Municipal deve dar à implementação de novas indústrias. Não basta possuir legislação favorável, tornam-se imperiosas certas iniciativas para criar uma mística de progresso porque além da mobilização de capitais disponível em nossa terra, faremos atrair capitais de fora para reforçar a economia e permitir maior expansão industrial. Uma propaganda das nossas possibilidades, a realização de congressos, conferências e exposições, maior entrosamento com as nossas entidades e classe do comércio, da indústria e da lavoura, nos ajudarão a atingir esse objetivo. (Sylvestre apud Montenegro, 2004,p7.).

Pela generalização da proposta voltada para o setor industrial, comparando com as propostas voltadas para o desenvolvimento rural, podemos afirmar sem sombra de dúvidas que o Deputado pessedista, ganhador do pleito municipal, em 1959, estava muito mais identificado com os interesses agrícolas do que com os interesses industriais, que estavam melhor representados pelo seu adversário, o petebista Newton Rique.

Todavia, os campinenses se viram diante de duas opções: continuar com a política já bastante conhecida de esperar a “ajuda” do governo federal, que seria repassada para o governo estadual e, posteriormente, para o município, com isto manter os privilégios das oligarquias tradicionais, ou optar pelo novo projeto apresentado pela oposição e tentar romper com a política assistencialista.

A opção da maioria da população campinense foi pela manutenção dessa política assistencialista que já vinha sendo imprimida na região. Nesse primeiro embate saiu vitorioso o candidato Severino Cabral, representante direto da política “assistencialista”, até então em vigor, que, reforçando a afirmativa acima, adotou como lema da campanha o slogan: “Dividir, Doar e Ajudar”.

Apesar do eleitorado campinense ter escolhido Severino Cabral como seu representante, e não Newton Rique que mobilizou

todo esse imaginário de progresso, desenvolvimento e modernização via industrialização. O fato é que Campina ainda continuou sonhado ser grande. Cabendo e sendo bem vindo todos os títulos que denote grandeza. Como: “futuro de prosperidade”, “terra venturosa”, “Liverpool brasileira”, “capital do trabalho” e “pólo de desenvolvimento”.

No capítulo seguinte irei abordar como Campina Grande em consonância com o debate dos grandes problemas nacionais e a tendência de aprofundamento da modernização do Brasil na década de cinquenta, cria a Politécnica, com o ideal de transformar numa instituição de referência. E pretendo demonstrar como essa Escola vai se tornar uma instituição de referência regional e até mesmo nacional, contribuindo para Campina Grande fosse percebida como pólo tecnológico.



## Capítulo 2

# Escola Politécnica: um projeto de desenvolvimento

Ao longo da década de 1950, especialmente durante o governo JK, a sociedade brasileira se consolidou como urbana e industrial, com alterações importantes no consumo e no comportamento da população. Eletrodomésticos e automóveis de todos os tipos, produtos feitos de plásticos e fibras sintéticas, trazendo a idéia de uma vida mais plástica e menos cara.

Na esteira da influência dos Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o comportamento da população urbana refletia cada vez mais o estilo de vida norte-americano.

Ao mesmo tempo, os meios de comunicação se ampliavam, aumentando a oferta de informação e entretenimento. Enquanto crescia a tiragem de jornais e revistas, o rádio ampliava ainda mais sua presença, com radionovelas e programas musicais e humoristas quebrando recordes de audiência. Muitas vezes realizados ao vivo, os musicais alcançando um imenso sucesso, aprofundando o papel do rádio, em particular da Rádio Nacional, como importante agente de veiculação da cultura Brasileira através da difusão de vários gêneros musicais. Uma das práticas mais bem sucedidas era o lançamento de musicais populares que seriam veiculados nas chamadas “chanchadas”, filmes surgidos no início dos anos

40 que mesclavam comédia e musical e perduraram durante toda década de 1950. Muito influenciada pela televisão que chegou ao Brasil em 1950 e se ampliou exatamente ao longo do governo JK, com uma programação transmitida quase completamente ao vivo, com telejornais, teleteatros, programas musicais, esportivos e de variedades, inclusive infantis, além de filmes estrangeiros dublados em português.

Com a ideologia nacional-desenvolvimentista baseada nos planos de ação governamental reforçando a crença no progresso do país, o desejo de transformação já se fazia presente em vários segmentos culturais. Enquanto a construção de Brasília, se apresentava como o momento máximo dessa utopia, novas formas de conceber o cinema, o teatro, a música, a poesia, arte e arquitetura se desenvolviam. Nos casos do cinema e do teatro a renovação estética era acompanhada de questões políticas, buscando além de uma nova linguagem, temas populares.

Ao longo dos anos cinquenta, alguns artistas plásticos, fotógrafos e poetas começaram a produzir trabalhos dentro dos princípios do movimento construtivista que se desenvolvia na Europa, e que década antes já havia inspirado nossos arquitetos. Havia uma crença na possibilidade de introduzir uma racionalidade modernizadora na organização do espaço social. Nesse período os principais arquitetos já vinham modificando os maiores centros urbanos, após algumas experiências localizadas desenvolvidas a partir dos anos 30 em construções públicas, tais como o edifício do Ministério da Educação e Saúde (1936), no Rio de Janeiro, e o conjunto da Pampulha (1944), em Belo Horizonte. No primeiro caso, com um projeto inicial lançado pelo arquiteto suíço Le Corbusier (1884-1965), coube a Lúcio Costa (1902-1998) e Oscar Niemeyer fez a obra, encomendada por JK, na época que era prefeito de Belo Horizonte. E a nova capital do país, inaugurada em 1960 durante o governo JK, teve exatamente como idealizadores Costa e Niemeyer.

Enquanto que na cultura se buscava novos caminhos, o país festejava vitórias importantes no esporte, como a conquista da

Copa do Mundo de 1958, na Suécia, e do título mundial dos pesos-galos pelo pugilista Éder Jofre, em 1960. Com o tempo, a identificação dos chamados “anos dourados” com o espírito otimista e inovador que consagrou o governo JK incorporou e identificou o presidente com um conjunto de mudanças sociais, culturais e artísticas que já haviam se iniciado em momentos anteriores. Foram os anos de utopia e de crença no progresso e, para alguns, da idéia que esse processo se faria com transformações na sociedade.

Esses anos 50, ainda continuam sendo os anos dourados da sociedade brasileira. Em Campina Grande não poderia ser de outra forma. Depois dos anos 30, onde a cidade vivera o boom do algodão, chegando a ser chamada de “a Liverpool Brasileira” pelo fato de assumir no ranking mundial a segunda posição como exportadora de algodão. Vive-se nos anos cinquenta um novo período de significativo crescimento econômico: instalação de empresas comerciais, de estabelecimentos bancários e de concessões de uma série de vantagens como estratégia para atração de novas indústrias para essa cidade.

Em consonância com o debate dos grandes problemas nacionais e a tendência de aprofundamento do projeto de modernização do país, onde o Estado desempenharia papel decisivo no desenvolvimento industrial, aplicando em setores básicos da economia, executando obras de infra-estrutura (transportes, energia, comunicações etc), é criada, em 06/10/1952, Escola Politécnica<sup>1</sup>. Sua criação atendia aos anseios da comunidade estudantil campinense, que atenta à política de implantação de cursos de nível superior no Estado, do governador José Américo de Almeida, mobilizara a elite campinense para esse fim.

Essa Escola teve como seu primeiro curso Engenharia civil, e como diferencial o ideal de se transformar numa instituição de referência regional e até mesmo nacional. Em 1958, forma-se a primeira turma de engenheiros civis da Poli, que logo foram solicitados pelo governador do Ceará, para ajudar na construção da

<sup>1</sup> Primeira Escola Superior de Campina Grande.

barragem de Orós que havia sido destruída pelas chuvas. Esse curso já era nos anos 60 reconhecido nacionalmente pela qualidade de sua formação profissional.

Essa Escola segundo Moita<sup>2</sup> :

Apesar de uma unidade pequena e pobre materialmente, era muito séria, com uma equipe de professores muito interessados e dedicados a tarefa que lhe eram imposta. Mas desde seus primórdios essa Escola diferenciava-se das demais pelo seu vigor e pioneirismo. Pois foi uma das primeiras escolas do Brasil a contratar professores por tempo integral, com dedicação exclusiva.

Em 1963, era criado o curso de Engenharia Elétrica. O segundo de vários outros cursos que a Politécnica comportaria.

Esse desejo de crescer e de se tornar referência em ensino superior, reforça o imaginário desse grupo que cria a Escola Politécnica, lhe dá vida e amplia e consolida. A aquisição do primeiro computador em Campina Grande, o primeiro do Norte-Nordeste e um dos cinco primeiros do país, pode ser entendido emblema da força transformadora e da vontade de responder aos desafios de seu tempo superação do atraso em que estava inserida a cidade e região.

Em 1967, após um ano de tentativas frustradas junto à reitoria da UFPB, a Politécnica havia sido federalizada em 1960, no último ano de governo de Juscelino Kubitschek, e o Banco do Nordeste Brasileiro, criava-se a ATECEL<sup>3</sup>, uma entidade jurídica de direito privado com o objetivo de viabilizar a compra do computador IBM 1130. A solução encontrada para romper as barreiras burocráticas, de interesses de grupos e, especialmente, da falta de

---

<sup>2</sup> Adalberto Machado Moita, ex-aluno e ex-professor da Escola Politécnica da Paraíba. Que concedeu uma entrevista ao projeto memória, em 28/04/2004, às 15 horas, na cidade de Campina Grande.

<sup>3</sup> Associação Técnica Ernesto Luis de Oliveira Jr. Foi criada em 1967 como sociedade civil, a primeira entidade de apoio a uma instituição universitária em nosso país.

visão de futuro por parte de dirigentes da UFPB, à época, o primeiro computador era uma máquina de terceira geração, com 32 k de memória principal. O sistema era formado por uma unidade de disco de 512 k, de 16 bits, uma impressora de 120 linhas por minutos e uma leitura de cartões com velocidade de 600 cartões por minutos.

Com a introdução do IBM 1130 da Escola Politécnica, foi possível realizar inúmeros trabalhos para a própria Escola e também para algumas empresas sediadas no município. Segundo Nogueira<sup>4</sup> : “logo que o IBM chegou foram criados contratos com CELB<sup>5</sup> e CAGEPA<sup>6</sup>, passando a processar recibos de luz e água”. Além do mais, ia se processando uma nova fase na construção do ensino superior da cidade como um dos melhores do país em praticamente todas as áreas de conhecimento de sua atuação e, particularmente, possibilitando à cidade de Campina Grande condições para continuar perseguindo o ideal de desenvolvimento, mesmo quando o algodão não produzia mais as riquezas dos áureos tempos passadas do ouro branco.

Era muito grande, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, o otimismo em relação ao papel positivo que a ciência e a tecnologia poderiam desempenhar para elevar os países latino-americanos a patamares socioeconômicos mais satisfatórios. A guerra, tendo demonstrado a força da ciência e da tecnologia para a destruição, animou em todos a esperança de que esse mesmo poder viesse a ter um impacto benéfico, desde que orientado corretamente. Tal idéia parecia confirmar-se com a onda de inovações e transformações tecnológicas que ocorriam na indústria e na agricultura.

Apesar da participação do Brasil na segunda guerra mundial, não ter sido muito intensa, propiciou a oportunidade pela primeira

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida pelo ex-funcionário da Politécnica o senhor José Nogueira, hoje prestador de serviço da ATECEL.

<sup>5</sup> Concessionária de energia elétrica e correlata da cidade de Campina Grande, PB.

<sup>6</sup> Companhia de Água e Esgoto do Estado da Paraíba.

vez se tentar um primeiro programa de mobilização e planeamento económico na história do país. Um dos passos mais importantes no processo de industrialização do país constitui na criação da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, com o auxílio técnico e económico dos Estados Unidos, e decorrência dos acordos que levaram o Brasil a entrar na guerra. A redução do volume das exportações aumentou e demanda pelos produtos manufacturados, o que deu margem a um excesso de moedas estrangeiras.

Nesse contexto, toma força a utopia nacionalista que dá por fim o ciclo de atraso. Industrialização, urbanização e tecnologias são as palavras de ordens nesse momento. O país como a Paraíba e Campina Grande precisavam para se desenvolver de engenheiros civis, mecânicos, químicos, matemáticos, físicos, etc. Sendo assim, a Escola Politécnica dá materialidade a esse sonho de ajudar a cidade, a região e o Brasil a sair do atraso técnico-científico que há tanto tempo assolavam o país.

Buscando entender um pouco a importância de uma Escola Politécnica em Campina Grande, cabe examinar alguns aspectos da tradição cultural do ensino de engenharia no país e no mundo. Essa primeira tradição será apontada para os efeitos do iluminismo, introduzida em Portugal pela reforma da Universidade de Coimbra, pelo Marquês de Pombal em 1772, apesar da distância no tempo convém examinar possíveis resquícios dessa influência para a criação da Escola.

A reforma imprimida por Pombal, mudou radicalmente os conteúdos da educação de Coimbra, anteriormente controlado por jesuítas. A ênfase no ensino colocou-se da Teologia e do Direito Civil, para a ciência natural, a mineralogia, a química, a matemática e engenharia. Apesar da reforma pombalina ter sido prejudicada pela reação chamada viradeira, que seguiu após a queda de Pombal, a reforma produziu um dedicado grupo de cientistas, com forte mentalidade iluminista, caracterizada pela fé no poder da ciência e pela preocupação pragmática.

Essa reforma vai ao encontro a o sistema de educação superior em voga nos principais centros de educação superior do Ocidente:

a Inglaterra, a França e Alemanha, que até o século XVII se baseava fundamentalmente na tradição clássica. O estudo do Latim, do grego, da lógica e da filosofia servia de preparação para as principais profissões da época: Direito, Medicina, o Sacerdócio. Durante o século XVIII, porém, o progresso da ciência empírica tinha começado a mostrar que uma educação exclusivamente clássica começara a disputar os privilégios e monopólios profissionais pretendidos por poucos que tinham uma educação clássica.

Já no século XVIII algumas instituições começaram a propor uma educação muito mais técnica e especializada do que a oferecida pelas universidades tradicionais. Entre estas, as mais conhecidas eram as universidades escocesas (no campo da medicina), a *École Nationale de Ponts et Chaussées*, francesa, e a *Gergsakademie*, (em Freiburg no campo da Engenharia). Como nos mostra essa citação de Schwartzman: (2001, p.36).

Por volta do fim do século, já parece claro que as profissões cultas, baseadas nas universidades tradicionais e marcada pelo prestígio, estavam prestes a desaparecer, levando consigo todo o sistema de corporações profissionais que predominou durante séculos, respaldado pelo ideal da educação clássica.

Essa nova visão de educação superior respondia a dois tipos de pressão: a necessidade de introduzir novos conhecimentos produzidos pela ciência experimental em expansão; e a necessidade de eliminar antigos privilégios das profissões, novas escolas, novos métodos de ensino.

No Brasil o que justificava a criação da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Escola de Minas de Ouro Preto, e em certa medida, a Politécnica de São Paulo, era, sobretudo, o seu papel na criação de um novo tipo de intelectual que desafiava a sabedoria convencional dos sacerdotes e advogados, em nome da ciência moderna. Como podemos ver em Schartzman, (idem, p.88): “Existia a idéia de que a sociedade podia ser planejada e administrada por engenheiros, bem característica da tradição francesa, teria no Brasil um forte impacto”.

Enquanto que na tradição inglesa a Engenharia foi sempre considerada uma ocupação menor, pouco adequada para a elite, desde sua criação a *École Polytechnique* foi o centro da formação da elite francesa. Nela, a instrução militar era acompanhada do treinamento em matemática e física, e acreditava-se que essa combinação era a melhor forma de preparar mentes cartesianas para construir pontes, organizar exércitos e administrar a economia. A doutrina positivista garantia aos engenheiros brasileiros que eles tinham o direito e a competência de governar a sociedade e, sob sua orientação torná-la melhor e mais civilizada.

Nos anos 30 em países “atrasados” como o Brasil da época, existia um dilema muito forte na teoria política: a oposição entre o “problema político” e o “problema da organização”. Era uma dicotomia entre políticos e técnicos. Os primeiros são identificados como “profissionais da Política” avessos à realidade nacional, quer por falta de preparo, quer por falta de caráter. Em oposição a eles, constrói-se a figura do “técnico”, do “administrador” que, por sua formação específica de alto nível, por seu “isolamento” da política e por sua “neutralidade” é capaz de romper com o “atraso” e criar riqueza. Ou seja, em outras palavras, se nosso mal é político, sua solução reside, com frequência, na criação de uma administração que resolvesse os problemas basicamente sócio-econômico, o que requeria um “saber técnico”, definido ao mesmo tempo e de forma interativa como um saber especializado e despolitizado.

Nesse sentido, estrutura-se uma representação maniqueísta de valores e comportamentos sociais pela quais os “políticos profissionais” são o lado mal da moeda e os “tecnocratas” são o lado bom: os encarregados da salvação nacional sejam eles engenheiros, sociólogos, economistas, etc. Como nos mostra Gomes (1994,p.2): “Muito embora seja necessário reconhecer que nos últimos anos tal representação sofreu alguns golpes, não se deve ter dúvidas de sua capacidade de sobrevivência, em especial em conjunturas que se lhe afigurem mais favoráveis”.

Para alguns pensadores autoritários como Azevedo Amaral e

Oliveira Viana, que melhor sistematizam todo esse arcabouço criticando os “velhos políticos” e nas demandas de novos administradores. A “modernização” do país, segundo diagnósticos dos anos trinta, já estava em curso e deveria ser acelerada, exigindo a presença de homens com formação distinta. O Brasil precisava não de profissionais da política, mas de profissionais de formação técnica.

Pouco a pouco, e não sem enfrentamento, o “bacharelismo” e a “política vão sendo compreendidos como sinônimos e identificados como atividades retrogradadas e geradores de um discurso retórico distante da realidade nacional e afastado da moderna ação do Estado”.

Gomes (*idem*, p.5) nos mostra que:

A figura oposta, empreendedora e salvadora, era o “técnico”, cujos contornos não estavam perfeitamente definidos, mas que basicamente devia se afastar da “política” e possuir conhecimento especializados, vale dizer, distante da tradição humanista da Ilustração.

Com o fortalecimento desse discurso em defesa da “competência técnica”, que se afirma crescentemente a partir de fins dos anos 30 com o Estado Novo, instauram-se práticas e órgãos governamentais que permitem o acesso de homens possuidores desses novos saberes a postos-chaves da administração. A criação do Departamento de Administração Público (DASP), simbolizando a vitória de procedimentos impessoais e técnicos e as autarquias são alguns dos melhores exemplos.

A força desse discurso e dessas práticas, sintetizadas no Estado Novo, não foi muito abalada com a redemocratização do pós-45. Principalmente no governo de Juscelino Kubitschek é o momento mais denso e significativo para essa reflexão. Nesse caso, um novo padrão de gestão estatal se impôs e um grupo de administradores ocupou cargos chaves para a produção e implementação de decisão pública. À nova elite, pautada por critérios técnicos, caberia implantar um novo modelo econômico-administrativo que, superando os interesses políticos “menores”

(privados/ regionais), deveria atender aos interesses gerais da nação.

A formação dessa elite técnica condiz com o crescimento econômico que o país estava presenciando principalmente nos anos cinquenta, e apontava para a necessidade de novos centros de ensino e pesquisa, já que o sistema de educacional até então existente demonstrava-se incapaz de produzir conhecimentos científicos e profissionais competentes para arcar com as responsabilidades da administração pública moderna.

A criação das grandes empresas estatais e a modernização da gestão econômica nos anos 50 e 60 foram momentos decisivos no processo de desenvolvimento do Brasil. A crise brasileira ainda hoje exhibe as conseqüências das decisões tomadas ao longo desse processo. Engenheiros, atuando como políticos administradores cumpriram papel decisivo nessa transformação institucional, comportando-se como uma verdadeira elite técnica no Estado Brasileiro. E na Paraíba não foi diferente a inserção desses técnicos em secretarias e órgãos estatais. Como bem relata o engenheiro da Politécnica, José Marques de Almeida Júnior<sup>7</sup>: “os engenheiros civis formados na POLI, eles eram requisitados para trabalharem em vários órgãos estatais como DENOCS<sup>8</sup>, DENER<sup>9</sup> entre outros”. E o próprio José Marques foi convidado pelo então governador João Agripino para ser secretário da pasta de Viação e Obras Públicas do Estado da Paraíba, substituindo Damásio Franco, mudando o nome para Secretaria de Transporte, Comunicação e Obras. José Marques também esteve por todo o período de sua vida profissional na Escola Politécnica e, depois, Universidade Federal da Paraíba, atuando nas instâncias administrativas, tendo sido o primeiro diretor da Fundação Parque Tecnológico criado em 1987.

Assim, a Escola Politécnica dando materialidade a uma ten-

---

<sup>7</sup> Professor da escola Politécnica e Secretario de Viação e Obras do Governo João Agripino, entrevista concedida ao Projeto Memória em 25/06/2004.

<sup>8</sup> Departamento Nacional de Obras contra a Seca.

<sup>9</sup> Departamento de Estradas e Rodagens.

dência que se colocaria de maneira efetiva somente no governo Kubitschek. Tempos estes marcados pela utopia da modernização desenvolvimentista implementada no país a partir dos anos cinquenta. Essa crença na mudança contagiava diferentes segmentos da sociedade brasileira. A palavra renovar estava presente no coração e na mente das pessoas. Marcava também o projeto econômico desenvolvimentista que propiciou a introdução no mercado de consumo dos eletrodomésticos que contribuiu para alterar, de forma significativa, as condições de conforto e o cotidiano das classes médias. Por sua vez, como podemos ver na citação de Neves (1994, p.61): “a dinâmica da economia desenvolvimentista propiciou uma marcante agilização no sistema de comunicação do país, introduzindo, de forma definitiva, a era do automóvel na vida nacional”.

Nesse momento em que o Brasil estava se industrializando e se modernizando, com o Estado aplicando em setores de infraestrutura, como estradas, pontes, pavimentação etc, os engenheiros da Politécnica vão ter um papel preponderante na construção de algumas rodagens no Estado. Como por exemplo, na construção do Anel do Brejo e da BR 230 (Areia, Alagoa Grande), estas duas obras foram coordenadas pelo engenheiro e secretário de Viação e Obras do governo de João Agripino José Marques.

Ainda segundo Marques: “a importância da Escola Politécnica para o desenvolvimento da Paraíba e da região é imensurável, um grande número de engenheiros civis, eletricitistas, mecânicos, saíram daqui como bons técnicos e respondiam à demanda na só da região, mas de todo Brasil. A Escola conseguiu manter um excelente padrão de ensino, a ponto de empresas como CHESF<sup>10</sup>, SUDENE<sup>11</sup>, DENOCS, DNER entre tantas outras virem solicitar esses profissionais na própria Escola”.

A vanguarda da Escola Politécnica na aquisição do primeiro computador, na contratação de professores por tempo integral, na formulação de convênios com outros países, na criação de entida-

<sup>10</sup> Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco.

<sup>11</sup> Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

des como a ATECEL, na criação de vários cursos de graduação, e pós-graduação em Engenharia Elétrica e em informática hoje chamado de Ciências da Computação, e na atração para esses cursos de estudantes e pesquisadores de todo Brasil e até mesmo de outros países, que em decorrência desses cursos vai propiciar se instalarem na cidade a partir dos anos 80, empresas voltadas para a produção e serviços em tecnologia da informática.

É evidente que a cidade de Campina Grande não se apresenta como tecnópolis, mas as ações das instituições de fomento à pesquisa e o conjunto de estratégias dos poderes públicos locais estimulam prática de um discurso marcado por ufanismos:

Seus profissionais f (...) é porem no campo da tecnologia que Campina Grande mais se destaca no cenário brasileiro de hoje. O pólo de tecnologia de Campina Grande é conhecido internacionalmente. (...) Campina Grande só perdeu para Curitiba, assim mesmo por apenas 1 dia. Pioneira no desenvolvimento de informática, deixa para trás cidades como São Paulo, entre outras. (...) Com o pólo de tecnologia e informática, Campina Grande terá os formados por ela mesma, desde o início da Prefeitura Municipal de Campina Grande)<sup>12</sup>.

Campina Grande como um centro gerador de ciência e tecnologia, no cenário nacional, reivindica para a cidade sua inserção em um movimento tecnológico mundial. Impõem que a sociedade e a mídia, por conseguinte, devam prestar a atenção ao Município de Campina Grande, no que diz respeito à produção de C & T. É a partir dessa produção que se justifica a sua vinculação a eventos como a Feira de Tecnologia de Campina Grande (FETEC) e a tentativa de transformar a cidade como pólo tecnológico. Esta é uma atividade presente no calendário da prefeitura e que conta com o esforço nos seus quadros na divulgação e implementação, na tentativa de torná-la visível.

<sup>12</sup><http://www.egnet.pmcg.pb.gov-site>

Essa atual condição de Campina Grande como um pólo tecnológico, reconhecido nacional e internacionalmente, advém da visão de futuro, ideal, esforços coletivos e individuais, persistência e ousadia de um grupo de homens que desejando romper com o atraso e a estagnação econômica da cidade e da região, tiveram a ousadia de criar a Escola Politécnica, que realizou o efeito de transformar a cidade de Campina Grande em um dos mais importantes pólos tecnológico do país; estando, portanto, em condições de contribuir com o debate sobre inovação tecnológica como fator de desenvolvimento nacional, que é hoje ainda uma questão central para um projeto de desenvolvimento nacional.

Passemos agora, a análise das matérias por nós selecionadas, no Diário da Borborema, buscando mostrar como esse jornal vai construir ao longo dessas notícias a imagem da Politécnica. Buscando compreender até que ponto essas imagens vão contribuir para o desenvolvimento técnico científico de Campina Grande.



## **Capítulo 3**

# **A imagem da Escola Politécnica pelo diário da Borborema**

A pesquisa se deu no jornal Diário da Borborema por ser este o único jornal da cidade de Campina Grande que, desde 1957, se encontra em circulação ininterrupta. No período em que a Escola Politécnica de Campina Grande foi criada existiam vários jornais, dentre eles: Evolução (1958); Gazeta Campinense (1960); o periódico Revolução Democrática (1960); e, ainda, Tribuna de Campina (1966). Mas estes jornais não eram diários e devido a vários problemas, dentre eles financeiros, tiveram pouco tempo de existência. Os arquivos destes jornais se encontravam no Museu Histórico de Campina Grande, mas, por falta de cuidado, boa parte do acervo deste jornal foi perdida. Esses são apenas alguns pontos que nos possibilitaram a escolher o Diário da Borborema como nosso elemento de pesquisa.

Esse jornal teve seu número inaugural lançado em 2 de outubro de 1957, sendo um empreendimento do próprio Assis Chateaubriand, fundador da rede de jornais Diários Associados. A primeira publicação contou com sete cadernos com 56 páginas. Teve colaboradores como: Raymundo Asfora, Nilo Tavares, Stê-

nio Lopes, Epitácio Soares, Osmário Lopes e Orlando Tejo. Além de notícias local e regional, o Diário publicava também notícias nacionais e até mesmo internacionais, além de artigos e crônicas de escritores como Austregéslio de Athyde, Ademar Vidal e do próprio Assis Chateaubriand, entre outros.

Segundo Araújo (1985:304):

Relativamente combativo, apesar dos condicionamentos políticos, econômicos e ideológicos de que sempre se defendeu o Diário da Borborema decorrentes de sua própria posição, não ficava sem cobertura um episódio de ordem político-social que viesse a ocorrer.

Desde o primeiro momento de sua criação questões relacionadas ao desenvolvimento técnico científico de Campina Grande tiveram espaço nos cadernos desse jornal. E são algumas dessas notícias que iremos analisar. O período que iremos abordar será de 1957, ano de fundação desse periódico, a 1963, ano da criação do curso de Engenharia Elétrica da Escola Politécnica de Campina Grande.

### **3.1 Politécnica: um caminho para o desenvolvimento regional**

Devido ao grande número de notícias, mais de mil, resolvemos trabalhar com uma amostragem de sete notícias que foram publicadas no período por nós acima delimitado. Fizemos uma seleção criteriosa para que as notícias escolhidas tivessem o maior número de informações que precisamos para a discussão que será aqui tratada. Essas notícias não serão apresentadas de forma cronológica, mas de acordo com os assuntos que tenham em comum.

**Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba.**

Interesse da imprensa de outros Estados pelo assunto - Antecipou a nossa Escola a outros estabelecimentos congêneres.

A repercussão alcançada em toda a região nordestina em torno dos propósitos da Direção da Escola Politécnica da Paraíba, da criação do "curso problemas do Nordeste", naquele estabelecimento de ensino superior indica esse estado febricitante do progresso e desenvolvimento que vem tomando conta de todas as forças vivas de Campina Grande. A imprensa de outros Estados já vem se preocupando com a iniciativa de nossa Escola Politécnica, registrando-se, inclusive, em longos artigos que Campina Grande tem sido a pioneira da solução de vários problemas nordestinos, entre os quais se destaca, agora a idéia da criação de um curso considerado que está sendo por técnicos de alta valia e grande importância, especialmente para os engenheiros que terão de futuramente empregar os seus conhecimentos no Nordeste. Por outro lado, a nossa Escola Politécnica antecipou e a diversos outros estabelecimentos do seu Gênero, sediados em capitais de outros Estados, dando, assim um exemplo de capacidade dos homens estudiosos de Campina Grande, nas lutas que travam pela melhoria dos nossos padrões técnicos, pelo aprimoramento dos nossos estudos e pela pronta equação de problemas que não versão apenas beneficiar a nossa terra, pois terá influência em todas as camadas nordestinas relacionadas com o estudo da engenharia. Verifica-se portanto, que necessariamente se torna para efetivar a industrialização de Campina Grande, criou-se por outro lado, os conhecimentos da técnica e da ciência, em boa oportunidade enquanto na criação do curso de

"Problemas do Nordeste" e da "Fundação" criada pela municipalidade campinense.

Entendemos, nesta primeira notícia, que o jornal já mostrava a que a Escola Politécnica se propunha, a encontrar soluções que pudessem romper com o atraso econômico, tecnológico e social em que estava inserida a região Nordeste na década de cinquenta. Ela representava um marco desses tempos de busca de se criar bases materiais que viessem dar viabilidade ao tão almejado progresso. A POLI seria então a instituição que iria auxiliar a cidade em seu processo de industrialização.

Segundo a notícia publicada em (11/01/1958) no Diário da Borborema, o progresso estava atrelado a Poli e vice-versa. Daí o motivo da existência de cursos como o que foi mencionado. É interessante observar que além de mostrar o desenvolvimento que a Escola estava proporcionando não só ao Estado, mas, também, ao Nordeste, fica implícito na matéria, que tais coisas só estavam sendo possíveis pelos que faziam a Politécnica, isto é, diretor, professores, alunos e estudiosos, politizados, estando estes um passo à frente no enalço do progresso. Isto é, mesmo sendo em uma cidade do interior, estavam mais atentos, mais ligados ao progresso que outras cidades e capitais.

A idéia que o Diário apresenta da Politécnica, como uma instituição de vanguarda, sempre se antecipando ao futuro, à frente em relação as demais, está presente, também, no depoimento concedido ao Projeto Memória – Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002) – pelo ex-diretor do SENAI e ex-professor da Politécnica, senhor Stênio Lopes:

Esse tema, progresso em Campina Grande, era uma coisa muito interessante, se pensava o que se poderia fazer para o futuro desta cidade. E a Politécnica liderava essas discussões sobre progresso, desenvolvimento. A gente debatia de forma exaustiva esse assunto, chegando até imaginar uma projeção do desenvolvimento de Campina Grande para o ano 2000. Alguns professores da Politécnica como

Lynaldo Cavalcante, Luis Almeida, José Lopes de Andrade e alguns industriais, muito inquietos, progressista, era impressionante como esse grupo pensava em transformar a cidade em um centro tecnológico de referência.

Podemos observar, ainda, que a imagem trabalhada pelo Diário da Borborema – de uma Politécnica que está contribuindo para a transformação social de uma região – está em consonância com o projeto político do governo JK (1956-1961), particularmente, no que refere à recepção das idéias de modernidade e desenvolvimento.

Na década de 1950 a cidade de Campina Grande, testemunha um significativo desenvolvimento, como Montenegro (2004) nos mostra a seguir:

Em termos quantitativos, o número de habitantes, de indústrias e de lojas de comércio, somando-se a sua importância de pólo comercial do algodão e, nesta década, também o agave fazia dessa cidade um centro de indubitável crescimento econômico. Sua relevância econômica em relação às demais cidade do Estado da Paraíba era tão evidente que se dizia, à época, que a Paraíba tinha duas capitais, uma administrativa e uma financeira. (p.70)

Na notícia reflete-se ainda, o dinamismo econômico vivenciado por Campina Grande nesse período. É o reflexo dessas imagens do progresso posto em mobilização.

A idéia de que os alunos e professores da Politécnica estavam a um passo do progresso, também está presente na próxima notícia que segue e que foi publicada em 08/07/1959:

#### **Diretor da RFN solicita engenheiros à Escola Politécnica**

Num entendimento pessoal com o dr. Antônio da Silva Morais, diretor da Escola Politécnica da Paraíba, o engenheiro Lauriston Pessoa, diretor da Rede

Ferroviária do Nordeste invocando a velha camaradagem dos tempos de estudantes na Escola de Engenharia de Recife, solicitou que lhe fosse arranjado pelo menos três dos novos engenheiros diplomados pela EPUP, afim de serem admitidos nos serviços daquela ferrovia. Prometeu o sr. Lauriston Pessoa, pagar inicialmente, no período do estágio dos novos técnicos, ordenados de vinte mil cruzeiros mensais. O professor Antônio Morais não pode atender ao seu apelo do seu colega, alegando que já estarem colocados todos engenheiros da segunda turma da Politécnica. O fato não deixa de ser alvissareiro, demonstrando por si mesmo a valorização dos estudos técnicos atualmente entre nós.

De imediato essa notícia não teria nenhuma relevância, mas por traz deste discurso, o jornal passa ao leitor, mesmo que de forma subjetiva, a idéia de que os alunos formados na Escola Politécnica têm uma capacitação e formação profissional tão boas, de tão significativa qualidade que despertavam o interesse imediato de outras instituições para contratá-los, ou ainda, que a formação dos engenheiros civis da Escola Politécnica garante ao engenheiro egresso dessa instituição uma colocação imediata no mercado de trabalho.

Imediatamente nos voltamos para o cenário político e econômico nacional do final da década de 50 quando o desenvolvimentismo de JK, que por sua vez pode ser definido como modelo voltado centralmente para a realização de crescimento econômico acelerado, em ritmo superior aos padrões históricos tradicionais, com o objetivo de diminuir distância de nível de industrialização e renda em relação aos países considerados subdesenvolvidos.

E para acelerar esse ritmo de desenvolvimento era preciso o Estado investir em setores importantes da economia.

O Estado deveria desempenhar a função de principal agente indutor do processo, quer sinalizando os rumos da

economia e direcionando os investimentos, quer investidos diretamente em setores fundamentais como infra-estrutura e indústria básica” (Brum, 1999, p. 232).

Como podemos perceber, o tema que centralizava as atenções era o desenvolvimento do país via industrialização, e para que isso acontecesse era preciso ter um saber técnico para realizar as obras de infra-estrutura que o Brasil necessitava, tais como: pontes, rodagens, barragens prédios, etc.

É importante perceber que, a Escola Politécnica já nesse momento, estava contribuindo para o desenvolvimento nacional, com uma formação diferenciada de bons engenheiros. Observa-se ainda nessa notícia, uma Escola que se diferenciava das demais, pela sua qualidade de ensino, e que as pessoas que eram formadas na POLI tinham emprego certo está nitidamente em consonância com a fala de alguns professores e funcionários dessa instituição. Como podemos ver na fala de ex-funcionário da Escola, José Nogueira<sup>1</sup>:

Os estudantes da POLI vinham de todos os Estados do Nordeste, muitos eram descendentes de famílias pobres, mas imbuídos da vontade de crescer, de modo que em alguns anos a Escola foi crescendo e sendo reconhecida nacional e internacionalmente, a ponto da demanda ser maior que a oferta, quer dizer, vinha um pedido solicitando vinte engenheiros e a Politécnica só esta formando oito, o aluno recém concluinte já estava com seu emprego certo.

Como podemos perceber, depois de mais de quarenta anos passado da publicação dessa notícia, a imagem da Politécnica como instituição que estava contribuindo para o desenvolvimento da região, ainda permanece viva na memória de ex-professores e ex-funcionários. O que nos faz constatar que a idéia-imagem que o jornal ajudou a construir, de uma Escola desenvolvida também está presente no imaginário dos que dela participaram.

<sup>1</sup> Entrevista concedida ao Projeto Memória – Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002)

A próxima notícia, também corrobora com o discurso das outras duas que foram analisadas, mesmo tendo sido publicada quase um ano depois.

**Seguem hoje sobre a presidência do professor Vinícius Londres da Nóbrega**

Uma embaixada de universitários do 3º ano de engenharia civil da Escola Politécnica desta cidade seguirá hoje com destino a Natal, no Rio Grande do Norte, presidida pelo professor Vinícius Londres da Nóbrega, catedrático de Hidráulica Teórica e Aplicada.

Finalidade:

A finalidade da excursão é dar prosseguimento as aulas práticas adotadas recentemente pela diretoria da Escola Politécnica visando a mais complexa formação profissional dos futuros engenheiros diplomados em Campina Grande.

"Aula certa no lugar exato"

Os universitários campinense viajarão às 13 horas de hoje, devendo receberem aulas da Cadeira de Hidráulica diretamente nas obras do porto de Natal, de acordo com o "slogan" já em vigor entre os professores da Escola Politécnica da "aula certa no lugar exato".

A notícia publicada em 02/07/1960, fala de algo que, geralmente não era feito naquele momento, isto é, levar os alunos para aulas práticas em ambientes que, geralmente, só se vai quando nele se trabalha. Esse pioneirismo servia para publicizar a imagem da Politécnica, pois era ela a única que estava fazendo isso em Campina Grande.

Assim, a Politécnica se diferenciava pela sua inovação. Esta vanguarda implicava na constituição de um ensino superior, com referência e um dos melhores do país.

O jornal passa a imagem de uma Escola que tinha como diferencial a vanguarda, essa busca constante de não ser uma Escola comum, ter sempre algo a mais que diferencie de outras escolas de engenharia da região. Mais uma vez recorreremos ao depoimento – concedido ao Projeto Memória – do ex-professor da Politécnica, Stênio Lopes, para validar nossa informação:

O professor Lynaldo Cavalcante, diretor da Escola Politécnica, sempre viajando em busca de encontrar novidades no ensino de engenharia em outras na região: Sul e Sudeste, tendo em vista que essas regiões se encontravam nas regiões mais desenvolvidas do país, Verificou que na Escola de Engenharia de São Carlo, São Paulo, haviam duas disciplinas novas, estranhas no currículo de qualquer outra Escola de Engenharia; uma era redação técnica para engenheiros, e a outra era relação humana para estudantes de engenharia. Ele tratou logo de criar essas duas cadeiras aqui na Politécnica (...).

Como podemos perceber, a fala de Stênio Lopes reforça a imagem de vanguarda no ensino de engenharia presente nesta notícia bem como que a Politécnica era uma instituição de referência, e que estava contribuindo para o desenvolvimento técnico científico de Campina Grande.

Na década de 1950, como nos mostra Lopes (s/d:15-16) quando o progresso industrial assume maior importância no desenvolvimento econômico do país se altera o quadro organizacional do espaço regionalizado por Campina Grande. Isto porque se implanta uma nova política econômica em favor do Centro-Sul, passando o Nordeste a se integrar na nova divisão inter-regional do trabalho.

### **Federalização das Escolas Superiores**

Não teve a divulgação que merecia a federalização de várias Escolas Superiores da Paraíba, o que foi efetivada por ocasião do Encontro do presidente Jânio Quadros com os governadores da Paraíba, Pernambuco e Fernando de Noronha. Não divulgaram

ainda os jornais quais as Escolas que passaram para o Ministério da Educação e Cultura e quais os professores nomeados pelo presidente. Certa dose de segredo cercou esses fatos que já agora precisam vir ao domínio público, pois é dos que interessam à coletividade. Nossa esperança é a de que o Presidente da República tenha como em outras manifestações de sua capacidade de ver bem as coisas feita as melhores escolhas, dentro das possibilidades locais. Seria lástima que nossas Escolas, agora federalizadas, não viessem a contar com as melhores condições para seu funcionamento. Quanto mais progredir o Estado, maior necessidade teremos de técnicos e profissionais competentes em todos os setores. E só bons professores em estabelecimentos de ensino dotados de todos os requisitos matérias e didáticos, poderão proporcionar ao Estado e ao país essa formação de uma elite que terá cada vez mais firme responsabilidade na condução de nossos destinos. A universidade terá boa verba para este ano. Seus dirigentes precisam penetrar num caminho novo, em busca de uma eficiência que não era possível dentro das condições insatisfatórias em que funcionavam as nossas escolas mantidas pelo Estado e até uma delas pelo município de Campina Grande.

Essa notícia, publicada em 03/01/1962, faz referência a Federalização da Escola Politécnica, ocorrida no apagar das luzes do governo Juscelino Kubitschek, que teve o deputado paraibano, líder desse governo no Congresso Federal, Abelardo Jurema, como um dos seus principais responsáveis.

Podemos perceber que implicitamente o jornal se mostra temeroso, com o possível corte de verbas federais para esta instituição. Fala também das dificuldades de funcionamento desta Escola, quando dependia do envio de verbas do Governo Estadual, que não propiciava condições para que a mesma tivesse um bom funcionamento.

A notícia também se refere ao momento em que o Brasil estava se desenvolvendo, investindo no setor de infra-estrutura, na produção de matérias primas básicas como: aço, ferro e também petróleo, petroquímica, fertilizantes, etc., indispensáveis à alavancagem do processo de industrialização.

Nesse período, segundo Brum (1999), o Estado está tentando suprir as deficiências, que emperra o processo de desenvolvimento.

A ocupação de espaços econômicos pelo Estado, sendo um período de forte tendência de estatização, avançou com a criação e grandes empresas: como a Companhia Siderúrgica Nacional, com a usina de Volta Redonda, no Rio de Janeiro; a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), a Petrobrás e a Companhia da Vale do Rio Doce - esta voltada para à exportação de minério de ferro. Estas e outras grandes empresas estatais de grande porte constituíram-se em verdadeiros agentes de desenvolvimento, cumprindo o papel relevante de alcançar o progresso brasileiro. (p.2007)

Apesar de não estar implícita na notícia, existe uma cobrança por parte do jornal, que nesse momento em que o país está se desenvolvendo, se envie mais verbas federais para possibilitar que a Escola Politécnica continue formando bons engenheiros que irão dar o suporte técnico ao desenvolvimento da cidade e região.

Ainda podemos perceber, nessa notícia, que o Diário da Borborema enfatiza implicitamente a importância da Escola Politécnica federalizada, pois, só assim, Campina Grande se manteria no caminho do desenvolvimento, ao mesmo tempo em que contribuiria para o Estado se desenvolver, criando mecanismos para a região e para os principais centros econômicos do país.

Por se tratar de um mesmo assunto, resolvi trabalhar as próximas duas matérias juntas, de forma que uma complementa a outra.

### **Novo curso na Politécnica**

Resolveu o Conselho Universitário da Paraíba criar este ano o curso de engenharia eletricista na Escola Politécnica de Campina Grande. Era esta uma velha aspiração dos sonhos daquele estabelecimento e de muitos dos seus professores interessados na formação de técnicos em eletricidade para nossa região. O Nordeste como se sabe é uma região pobre de técnicos. Temos poucos engenheiros civis. Enquanto as outras especializações da engenharia, o número é tão inexpressivo que não chega a ser computado pelas estatísticas oficiais. Andou, portanto, muito acertado o conselho Universitário quando autorizou o funcionamento desse novo curso, que de início está despertando grande interesse em nossa cidade. A necessidade de engenheiros eletricista numa região em desenvolvimento como o Nordeste é muito grande, oferecendo-se um vasto campo de ação para os técnicos dessa especialização. Temos muitos problemas a ser resolver que estão na dependência de engenheiros eletricistas, sobretudo agora que começamos a penetrar os umbrais da era industrial, de que vai depender sem nenhuma sombra de dúvida a nossa integração na economia geral do país. Dar técnicos ao Nordeste, nesta fase decisiva de sua história, deve ser a tarefa máxima das escolas superiores, principalmente daquelas que como a Politécnica estão situadas em plena faixa seca, onde mais necessário se torna a presença de uma engenharia especializada.

#### **Criação do curso de Engenharia de Minas**

Campina Grande foi escolhida para sede de importante programa de desenvolvimento econômico regional- Financiamento de 7 milhões de cruzeiros para esta cidade- Mensagem a sr encaminhada para a Assembléia. Marcha para a sua concretização o estabelecimento do curso de Engenharia de Minas na Escola

Politécnica da Universidade da Paraíba, sediada nesta cidade. A criação do referido curso está relacionada ao desejo do Governo Federal de promover o desenvolvimento econômico do Nordeste brasileiro, acelerando a formação de técnicos especializados para o estudo e exploração das riquezas minerais desta região.

### **Campina Grande Escolhida**

Já existe em Pernambuco iniciado o ano passado, o curso de Geologia anexo à Universidade de Recife, com verbas concedidas pelo Ministério da Educação e Cultura que já totalizam este ano 16 milhões de cruzeiros. O Governo da Paraíba compreendendo a necessidade de aparelhar a Escola Politécnica desta cidade a fim de se tornar sede de programa idêntico ao de Pernambuco, elaborou importante mensagem a ser dirigida na próxima segunda feira à Assembléia Legislativa, propondo a criação do Curso de Engenharia de Minas em nosso Estado, indo assim, no encontro do desejo do Governo Federal disposto a fomentar, o que somente poderá ser obtido com a formação de pessoal capaz para enfrentar as tarefas necessárias.

Podemos observar que na primeira notícia de, 02/03/1963, se mostra a necessidade da criação de outras especificidades no campo da engenharia. Mostrando, que era muito pouco os engenheiros civis, tendo em vista que na região já existiam alguns cursos de engenharia, a exemplo de Recife e de Fortaleza; aqui, em Campina Grande, na Escola Politécnica. Enquanto que curso como Engenharia Elétrica praticamente não existia na Região, não tendo nem mesmo dados oficiais.

A notícia também apresenta a situação de desenvolvimento que estava inserida à região Nordeste. E com a criação de um curso como o de Engenharia Elétrica seria de fundamental importância, devido essa região está entrando nos umbrais da industria-

lização. Esse curso iria ajudar a região a se integrar na economia global do país.

Implicitamente a notícia passa a imagem de que os futuros engenheiros elétricos formados na Politécnica não terão problemas relacionados com colocação no mercado de trabalho, deixando transparecer que além da demanda desses técnicos na região, o fato desses futuros formados pertencerem a Escola, garantirá seu ingresso no mercado de trabalho. Subentende-se que por trás notícia se apresenta a imagem de excelência na formação desse corpo técnico especializado. Assunto este que já foi visto em matéria anterior. Como se percebe, há sempre uma necessidade de ficar reafirmando determinadas informações, como se isso não pudesse ser visto pelos leitores ou pelos cidadãos da cidade.

Já a segunda notícia, que fala sobre a criação do curso de Engenharia de Minas, foi publicada em 02/02/1958, ano em que a cidade de Campina Grande foi escolhida para sediar esse importante programa. Isso demonstra a sintonia da cidade com o governo federal e sua importância no processo de busca do desenvolvimento econômico por parte desse projeto mais amplo, que é do governo federal. Buscando, assim, formar técnicos especializados para exploração das riquezas naturais presente no subsolo da Região.

Essa notícia demonstra ainda, que as autoridades estaduais percebendo a importância da Escola Politécnica diante do processo de industrialização, resolve aparelhá-la com equipamentos, para que possa receber esse programa idêntico ao recebido por Pernambuco. Podemos ainda perceber que somente por meio da formação desses técnicos é que a Paraíba poderia enfrentar as tarefas necessárias para alcançar o desenvolvimento.

Nas duas matérias, o jornal passa mais uma vez a imagem de uma Escola que tinha como missão fornecer técnicos qualificado para ajudar o Nordeste a se desenvolver.

Vamos agora para a análise da última notícia que fala sobre a transferência da Escola Politécnica para o bairro de Bodocongó. Adjacência que, muitas vezes, o Diário da Borborema mostra

como o bairro onde estava sendo alojada a parte mais desenvolvida científica e tecnológica da cidade de Campina Grande, pois, no bairro, além da Politécnica, havia a Faculdade de Ciências Econômicas e a Escola Redentorista. A notícia fora publicada em 07/10/1962.

**Escola Politécnica: dia 12 sua transferência para nova sede.**

No aprazível bairro de Bodocongó- Churrasco comemorativo aos professores e alunos e autoridades do ensino. Será comemorado no próximo dia 12 de outubro na conferência da Escola Politécnica em caráter definitivo do antigo prédio onde funcionava o Grupo Escolar Solon de Lucena, para sua sede, no bairro de Bodocongó. Apesar de só parcialmente construído, o novo edifício da Politécnica já se presta à instituição de todos os serviços daquela Escola Superior campinense da Universidade Federal da Paraíba.

**Churrasco**

Consoante informação que colhemos junto ao Diretor da Escola Politécnica, engenheiro Antônio da Silva Moraes, pelo evento será oferecido aos professores e alunos um churrasco, ao qual deverão comparecer também autoridades do ensino. O novo edifício-sede da Escola Politécnica obedeceu as mais modernas técnicas arquitetônicas, teve os seus trabalhos de construção executado pelo Escritório Técnico constituído por professores e alunos da própria Escola, representando contribuição inestimável ao melhoramento dos padrões de engenharia da região, além da experiência didática nova e digna de louvores. Ao lado do novo edifício da Politécnica, a Universidade da Paraíba adquiriu terrenos para a construção do edifício sede da Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande, também integrante da UP. No bairro

de Bodocongó, desde modo, estará sendo construído muito breve e integrada por duas unidades escolares, além de construções para residências e recreios de professores e alunos, uma pequena cidade Universitária, a primeira que se edifica na Paraíba.

### **Pioneirismo**

Para a condução dos professores e alunos da Escola Politécnica, a Universidade da Paraíba acaba de providenciar a aquisição de moderno ônibus, devendo ser adquirido nova unidade logo que a Faculdade de Ciências Econômicas para ali também se transferir. Assim Campina Grande é mais uma vez pioneira, no interior do Nordeste, tendo sido a primeira cidade do interior desta região a possuir Escolas Superiores dentre as quais uma Escola de Engenharia que é orgulho do ensino superior paraibano, e sendo agora a primeira a dar início de fato, a construção de uma cidade Universitária fora das capitais de Estados.

O Diário da Borborema mostra a imagem de uma Escola que se sobrepunha, em termos de estruturas, as outras faculdades no interior do Nordeste. Quando o jornal diz que o novo edifício-sede da Politécnica obedeceria as mais modernas técnicas arquitetônicas e teve seus trabalhos de conclusão executados pelo Escritório Técnico<sup>2</sup>, constituído por professores e alunos da própria

---

<sup>2</sup> O Escritório Técnico foi criado no momento em que iria começa a construção da primeira fase do prédio da Escola Politécnica, no Bairro de Bodocongó. Na ocasião vários professores dessa Escola se reuniram, dizendo que não era necessário contratar uma firma de fora para fazer esse serviço. Uma vez que os próprios professores de engenharia dessa Escola poderiam fazer muito bem esse serviço. Depois dessa reunião é criado o Escritório Técnico, que teve como seu primeiro dirigente o professor José Marques de Almeida. E o que é mais importante, os professores e alunos no quarto e quinto ano de Engenharia Civil auxiliavam nessa construção. Além de ser um campo de aprendizagem para esses alunos recém formados. Esse Escritório construir o prédio da Escola Politécnica, construiu também a Escola de Economia (FACE) e ainda construiu mais dois grupos escolares e remodelou cerca de seis grupos para o Estado.

Escola. Isso mais uma vez demonstra a imagem de uma Politécnica que estava em sintonia com tudo que era de mais sofisticado para a época, sem falar que foram os próprios professores e alunos dessa instituição que levantaram o edifício. Isso passa a idéia de que esses alunos são capacitados para realizarem qualquer obra no ramo da engenharia civil

O jornal também apresenta nesta matéria, o ideal de que a Politécnica era orgulho da Paraíba, colocando esse estado à frente dos demais estados nordestinos em matéria de ciência e tecnologia. E que Campina era a única cidade do interior nordestino a possuir Escolas Superiores, dentre estas a POLI e sendo também a dar início à construção de uma cidade Universitária.

Assim, podemos perceber ao analisar as notícias, aqui apresentadas, que o Diário da Borborema constrói a imagem de uma Escola Politécnica, que se apresenta de forma vanguardista, sendo uma instituição de destaque na área de engenharia e, como não existe um jornalismo imparcial, podemos dizer que os jornalistas do Diário contribuíram para consolidar a imagem de uma urbe que estava à frente de muitas outras cidades do Nordeste e essa imagem, quer queira ou não, de certa forma ajudou a cidade a se desenvolver com a vinda de empresas que desenvolveram projetos técnico-científicos e que, de certa forma, contribuíram também para que a Politécnica se desenvolvesse.



## Considerações finais

Neste trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, objetivamos mostrar através da análise de fontes secundárias e primárias, das quais destacamos algumas notícias do Diário da Borborema, como esse jornal contribuiu para a construção da imagem da Escola Politécnica, como uma instituição que se diferenciava das demais, por sua vanguarda, estando sempre em busca de realizar algo novo, seja criando cadeiras inovadoras como, por exemplo, a disciplina de redação, coisa que não era comum em escolas de engenharia da Região. De modo que, a Escola Politécnica, se antecipava de forma ousada, como seu deu na aquisição do primeiro computador em Campina Grande, o primeiro do Norte-Nordeste e um dos cinco primeiros do país. Toda essa busca de inovação refletia na idéia de transformar essa instituição nova referência nacional.

Como podemos perceber tanto na análise dessas notícias, como no depoimento de ex-funcionário e ex-alunos, existia uma vontade de responder aos desafios desse tempo superando o atraso em que estava inserida a região Nordeste.

Com não existe jornal imparcial, podemos dizer que esses jornalistas do Diário da Borborema contribuíram para consolidar imagem de uma Escola dinâmica e moderna que estava contribuindo na superação de problemas econômicos e sociais não só da cidade como de toda a região, mas essas notícias estavam também interligadas à idéia de “cidade moderna”, “pólo de desenvolvimento”, “futuro de prosperidade”, de que Campina Grande fazia parte.

Podemos dizer que essa atual condição de Campina Grande como um pólo tecnológico, reconhecido nacional e internacionalmente, advém da visão de futuro, ideal, esforços coletivos e individuais, persistência e ousadia de um grupo de homens que desejando romper com o atraso e a estagnação econômica da cidade e da região, tiveram a ousadia de criar a Escola Politécnica, onde a mesma sempre se destacou pelo seu diferencial e ideal de se transformar numa instituição de referência regional e nacional.

Portanto, a vanguarda da Escola Politécnica em uma cidade que, ressaltamos, não obstante as imensas desigualdades sociais e, também, as dificuldades de estar no interior de uma região pobre como a nossa, realizou o feito de se transformar em um dos mais importantes pólos tecnológico do país; estando, portanto, em condições de contribuir com o debate sobre inovação tecnológica como fator de desenvolvimento nacional, que é hoje ainda uma questão central para um projeto de desenvolvimento nacional.

Esse trabalho foi de imensa relevância para minha formação acadêmica. Tendo proporcionado um fecundo contato com ex-funcionários e professores da antiga Escola Politécnica, hoje, Universidade Federal de Campina Grande. Tive, também, a oportunidade de pesquisar no arquivo do Diário da Borborema, experiência em que aprendi muito no diálogo com essas fontes primárias, que são muito importantes na vida de qualquer pesquisador, é toda uma visão de época que nos deparamos.

O tema que me propus analisar na presente monografia é fascinante, prazeroso de ser estudado, sendo assim, não pretendo fechar essa minha proposta, devido à complexidade e a importância do presente estudo. Pretendo investigar de forma mais profunda em um futuro mestrado, que pretendo realizar.

## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Fátima: *História e ideologia da imprensa na Paraíba*, Ed. União, João Pessoa, 1985.
- ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. A Ciranda da Política Campinense. In: *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*: Ed. PMCG, 2000.
- ACERVO de depoimentos do Projeto Memória – Organização e Preservação da Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002).
- BENEVIDES , Maria Victoria de Mesquita. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In: *O Brasil de JK*, (org) GOMES, Ângela de Castro. Rio de Janeiro: ed. FVG/CPDOC, 1991.
- BENEVIDES , Maria Victoria de Mesquita. 1976. *O governo Kubitschek; desenvolvimentismo econômico e estabilidade política, 1956-1961*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- BOMENY, Helena. Utopias de cidades: as capitais do modernismo. In: *O Brasil de JK*, (org) GOMES, Ângela de Castro. Rio de Janeiro: ed. FVG/CPDOC, 1991.
- BRUN, Argemiro J. *O desenvolvimentismo econômico brasileiro*. -20°.Ed:Ijuí, 1999.
- CARVALHO, José Murilo. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. Ed:-2°.UFMG, 2002.

- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Ed.DIFEL.1990.
- COHN, Gabriel. Problemas da industrialização no século XX. In *Brasil em Perspectiva*, (org) MOTA, Carlos Guilherme, São Paulo ed. Difel, 1984.
- DIÁRIO da Borborema. 1957-1963.
- DURAND, Gilbert, *O imaginário. Ensaio acerca das ciências da filosofia e da imagem*. Tradução: Renée Eve Levié.- Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- DO Ó. Edvaldo de Sousa. *História da Universidade Regional do Nordeste*. JÚNIOR Luiz José e CARTAXO, Marcos (org). Governo do Estado da Paraíba.1994.
- DO Ó. Edvaldo de Sousa. *Politécnica - Primeira Escola Superior de Campina Grande*. Editora Campina Grande LTDA, S/D.
- FARO, Clovis e SILVA, Salomão L. *Quadros da: a década de 50 e o programa de metas*. In: O Brasil de JK, (org) GOMES, Ângela de Castro. Rio de Janeiro: ed. FVG/CPDOC, 1991.
- GOMES, Ângela de Castro: *Engenheiros e economistas: novas elites burocráticas*.- Rio de Janeiro:ed. Da Fundação Getúlio Vargas,1994.
- GINSBURG, Carlos. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Ed. São Paulo, Companhia das Letras,1989.
- GIRARDET, Raul. *Mitos e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- IANNI, Octávio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1991.p.177.
- KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos 50. In: *Historiografia brasileira em perspectiva*, Marco Cezar Freitas (Org). São Paulo: Contexto, 1987.

- LIMA, Damião de. *Impactos e repercussões sócio-econômica das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)*. Tese de Doutorado. CH/USP -São Paulo. 2004.
- LIMA, Damião de. *O processo de industrialização via incentivos fiscais: Expansão e crise em Campina Grande*. 50, F. Dissertação de (Mestrado em Economia Rural), Centro de Humanidades. Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1996.
- LOPES, Stênio. *Escola Politécnica de Campina Grande*. Uma Experiência de Desenvolvimento Tecnológico do Nordeste. Campina Grande: Editora Tecnal, S/D.
- LOPES, Stênio. Campina. *Luzes e sombra*. Campina Grande: s/editora, 1989.
- MOREIRA, Raimundo. *Uma Política Regional de Industrialização*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisada*. 3º Ed.-São Paulo: Contexto, 2001.
- MONTENEGRO, Rosilene: *História política e imaginário de progresso em Campina Grande no anos 50*. Saeculum: *Revista de História*. Nº 10, Janeiro/Julho 2004 - João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2004.
- NISBET, Robert. *História da idéia de progresso*. Brasília: Editora da UnB, 1985.
- RAGO, Margaret. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar*. São Paulo. Paz e Terra, 1987.
- RODRIGUES, Marly. *A Década de 50: Populismo e matas desenvolvimentistas no Brasil* Ed.4º Ática. 2003.

- SCHWARTZMAN, Simon. *Um espaço para a ciência: a formação da comunidade Científica no Brasil*. - Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001.
- SILVA. Itan Pereira da. *UEPB: Uma universidade emergente-Retalhos de uma história de 30 anos*. Campina Grande: Departamento de produção gráfica da SEC-PB, 1996.
- SILVESTRE, Josué. *Nacionalismo & Coronelismo- fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1954-1964)*: Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- SKIDMORE, Thomas. 1969. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro, Saga.
- Ó, Alarcon Agra do. *A Paraíba no Império e na República*. Estudos de história Social e cultural. João Pessoa: Idéia, 2003.
- WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. In: FURTADO, Celson, (org). *Brasil: tempos modernos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

## Anexos

**UNIVERSITARIOS DE ENGENHARIA DE  
CAMPINA EM VISITA A NATAL**

Seguem hoje sob a presidência do professor  
Vinicius Londres da Nobrega

Uma embaixada de universitários do 3.º ano de engenharia civil da Escola Politécnica desta cidade seguirá hoje com destino a Natal, no Rio Grande do Norte, presidida pelo engenheiro professor Vinicius Londres da Nobrega, catedrático de Hidráulica Teórica e Aplicada.

**FINALIDADE**

A finalidade da excursão é dar prosseguimento as aulas práticas adotadas recentemente pela diretoria da Escola Politécnica, visando à

mais completa formação profissional dos futuros engenheiros diplomados em Campina Grande.

**«AULA CERTA NO  
LUGAR EXATO»**

Os universitários campinenses viajarão às 13 horas de hoje, devendo receberem aulas de Cátedra de Hidráulica diretamente nas obras do porto de Natal, de acordo com o «slogan» já em vigor entre os professores da Politécnica da «aula certa no lugar exato».

## Nôvo curso na Politécnica

Resolveu o Conselho Universitário da Universidade da Paraíba criar este ano o curso de engenharia eletricista na Escola Politécnica de Campina Grande. Era esta uma velha aspiração dos alunos daquele estabelecimento e de muitos dos seus professores interessados na formação de técnicos em eletricidade para nossa região.

O Nordeste como se sabe é uma região pobre de técnicos. Temos poucos engenheiros civis. E quanto as outras especializações da engenharia, o número de diplomados é tão inexpressivo que não chega a ser computado pelas estatísticas oficiais.

Andou, portanto, muito acertado o Conselho Universitário quando autorizou o funcionamento desse novo curso, que de início está despertando grande interesse na mocidade estudiosa de nossa cidade. A necessidade de engenheiros eletricistas numa região em desenvolvimento como o Nordeste é muito grande, oferecendo-se um vasto campo de ação para os técnicos dessa especialização.

Temos muitos problemas a resolver que estão na dependência de engenharia eletricista, sobretudo agora que começamos a penetrar os umbrais da era industrial, de que vai depender sem nenhuma sombra de dúvida a nossa integração na economia geral do país.

Dar técnicos ao Nordeste, nesta fase decisiva de sua história, deve ser a tarefa máxima das escolas superiores, principalmente daqueles que como a Politécnica estão situadas em plena faixa seca, onde mais necessário se torna a presença de uma engenharia especializada.

# Escola Politécnica: dia 12 sua transferência para nova sede

**No aprasível bairro de Bodocongó — Churrasco comemorativo aos professores e alunos e autoridades do ensino —**

Será comemorado no próximo dia 12 de outubro na conferência da Escola Politécnica, em caráter definitivo, do antigo prédio onde funcionou o Grupo Escolar Bolson de Lourenço, para sua nova sede, no bairro de Bodocongó.

Apesar de só parcialmente construída, a nova edificação da Politécnica já se presta à instalação de todos os serviços daquela Escola Superior competentes, integrando a Universidade da Paraíba.

### CHURRASCO

Comunicando informação que se tem, junto ao Diretor da Escola Politécnica, engenheiro Antonio Moraes, pelo evento se irá oferecer aos professores e alunos um churrasco, ao qual deverão comparecer também as autoridades do ensino.

O novo edifício-sede da Escola Politécnica, cujo projeto obedecia a uma moderna técnica arquitetônica, teve os seus trabalhos de construção executados pelo Escritório Técnico constituído por professores e alunos da própria Escola, apresentando construção inimitável ao melhoramento dos padrões de engenharia da região, além da experiência de-

### Risopo de Campina Grande seguiu para Roma

Vai-se assim a Cidade de Nazareth da Mata, a fim de cumprir um dever de visita, o novo Bispo de Campina Grande, D. Manoel Ferreira da Costa.

De cá, onde foi recebido durante quase três dias, D. Manoel viajou ao Recife e daí partirá para a Itália, para tomar posse do Catedrático Episcopal de Velletri.

dática nova e digna de louvores.

### CIDADE UNIVERSITARIA

As lado do novo edifício da Politécnica, a Universidade da Paraíba já adquiriu terrenos para a construção do edifício-sede da Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande, também integrante da UP.

No bairro de Bodocongó, desde modo, estará construído muito breve e integrada por duas unidades escolares, além de construções para residência e recreio de professores e alunos, uma pequena Cidade Universitária, a primeira que se edifica na Paraíba.

### PIONEIRISMO

Para a condução dos professores e alunos da Escola Politécnica, a Universidade da Paraíba acaba de providenciar a aquisição de moderno ônibus, devendo ser adquirido nesta unidade logo que a Faculdade de Ciências Econômicas para ali também se transferir.

Assim, Campina Grande é mais uma vez pioneira, no interior do Nordeste, tendo sido a primeira cidade interiorana desta região a possuir Escolas Superiores, dentre as quais uma Escola de Engenharia que é orgulho do ensino superior paraibano, e sendo agora a primeira a dar início de fato, a construção de uma Cidade Universitária, fora das Capital do Estado.

### FUNDACE

Foi a FUNDACE (Fundação para o Desenvolvimento de Campina Grande) que...

### Libertação dos prisioneiros da invasão: Cuba

HAVANA, 6 (UPI) — O ad-

ôcio e da Técnica), criada na gestão do Prefeito Epitácio de Cont, na 4ª página LETRA B

### Segundo Encontro de estudantes de Filosofia

Realizar-se-á nesta Cidade no período de 11 a 14 de outubro em curso, o Segundo Encontro de Estudantes de Filosofia da Paraíba, com a participação de representantes das Faculdades de Filosofia de Campina Grande e João Pessoa.

Assuntos de fundamental interesse para a classe serão discutidos durante o certame.

Em nossa próxima edição de notícias, mais detalhada, incluiremos com a publicação do programa que está sendo elaborado para o Encontro competente.

### União de objetos

Revitalização do apostolado que atendiam às necessidades canônicas obsoletas — F

Sobre o Proclamação Concílio Ecumênico, a ser instalado em Roma no dia 11 do corrente, a reportagem procurou ouvir o Pe. Antonio Bezerra, professor do Curso Secundário do Colégio Nobrega do Recife e Monsenhor José Bonifácio, vigário geral da Diocese de Campina Grande.

Declararam, inicialmente, que...

## FEDERALIZAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES

Não teve a divulgação que merecia, a federalização de várias das Escolas Superiores da Paraíba, o que foi efetiva, do por ocasião do Encontro do Presidente Jânio Quadros com os Governadores da Paraíba, Pernambuco e Fernando de Noronha.

Não divulgaram ainda os jornais quais as Escolas que passaram para o Ministério da Educação e Cultura e quais os professores nomeados pelo Presidente.

Certa dose de segredo cercou esses fatos que já agora precisam vir ao domínio público, pois é dos que interessam à coletividade.

Nossa esperança é a de que o Presidente da República tenha, como em outras manifestações de sua capacidade de ver bem as coisas, feito as melhores escolhas,

dentro das possibilidades locais.

Seria uma lástima que nossas Escolas, agora federalizadas não viessem a contar com as melhores condições para seu mais perfeito e eficiente funcionamento.

Quanto mais progredir o Estado, maior necessidade teremos de técnicos e profissionais competentes em todos os setores. E só bons professores, em estabelecimento de ensino dotados de todos os requisitos materiais e didáticos, poderão proporcionar ao Estado e ao País essa formação de uma elite que terá cada vez mais firme responsabilidade na condução de nossos destinos.

A Universidade terá boa verba para este ano. Seus dirigentes precisam penetrar num caminho novo, em busca de uma eficiência que não era possível dentro das condições insatisfatórias em que funcionavam as nossas Escolas, mantidas pelo Estado e até uma delas, pelo Município de Campina Grande.

**O fato ocorreu sábado na Rua Passo da Pátria, bairro da Conceição — O pai apoia tudo que a esposa faz com os filhos — Delegado abriu inquérito**

Sábado passado no bairro da Conceição, verificou-se um fato que causou profunda revolta a quantos do mesmo tomaram conhecimento.

O menor João Belo da Silva, de 13 anos de idade, filho do sr. Adriano Belo da Silva, residente à rua Passo da Pátria, s/n, foi barbaramente espancado por sua madrasta Gercina Souto Silva, que depois de o haver surrado com um cabo de vassoura ainda lhe deu várias pancadas na

cabeça com um batedor de carne, ferindo-o em partes do corpo.

**COMO OCORREU O FATO**

Depois, na Delegacia de Polícia perante o Cel. Manoel Dias Novo, o menor João Belo da Silva declarou que havia chegado da festa e recebeu ordem de sua madrasta para ir buscar água para lavar a casa. Em seguida, a Gercina Souto Silva para seu enteadado filho fosse buscar água de beber. Acrescentou a vítima do barbado espancamento que depois das determinações mencionadas, a esposa do seu pai ainda indagou se havia ele feito limpeza nas salas de casa. Como respondeu negativamente, que já é habituado a cuidar a ele João Belo e a sua irmã, armou-se de cabo de vassoura com a qual passou a agredi-lo. Depois do cabo de vassoura a salmafa mulher armou um batedor de carne com que produziu vários ferimentos em sua cabeça.

**SEU PAI APOIA TUDO QUE A MULHER FAZ**

Finalizando suas declarações ao delegado, João Belo da Silva disse que não providenciara a ninguém sobre o caso, com medo do pai. Adriano Belo da Silva, qual aprova tudo quanto a esposa faz com ele e sua filha irmã.

O coronel Severino de Azevedo, chefe do 1.º Distrito de Polícia, instaurou rigoroso inquérito, tomando os depoimentos das testemunhas: Manoel Borborema da Silva, José Maurício dos Santos e João Ferreira da Silva que forneceram as declarações do menor.

**Todos os sábados  
todas as bancas  
CRUZEIRO**

**Diretor da RFN solicita engenheiros à E. Politécnica**

Nam entendimento pessoal com o dr. Antonio da Silva Moraes, diretor da Escola Politécnica da Paraíba, o engenheiro Lauriston Pessoa, diretor da Rede Ferroviária do Nordeste invocando a velha camaradagem dos tempos de estudantes na Escola de Engenharia do Recife, solicitou lhe fossem arranjados pelo menos três dos novos engenheiros diplomados pela EPUP, afim de serem admitidos nos serviços daquela ferrovia.

Prometeu o sr. Lauriston Pessoa pagar inicialmente, no período de estágio dos novos técnicos ordenado de vinte mil cruzeiros mensais. O professor Antonio Moraes não pôde, entretanto, atender ao apelo do seu colega, alegando já estarem colocados todos os engenheiros da segunda turma da Politécnica.

O fato não deixa de ser alvívoreiro, demonstrando por si mesmo a valorização dos estudos técnicos atualmente entre nós.

**Iniciadas ontem as aulas da Escola Senai**  
Preenchidos inteiramente os vagos

Tiveram início ontem as aulas na Escola SENAI de nossa cidade. A matrícula, neste primeiro período que irá de 1.º de fevereiro a 30 de junho, preencheu inteiramente as vagas existentes, tendo sido intenso o processo de matriculas de famílias de trabalhadores campinenses.

O primeiro dia letivo foi ocupado com a anotação dos alunos que compareceram, sua distribuição por classes e o recebimento das primeiras instruções da Diretoria. Amanhã, funcionarão regularmente os trabalhos de efetivas de aulas, telefele, devendo receber no dia de hoje a Escola o restante dos seus alunos internos. Vários os internos, ainda, começaram a chegar das localidades mais distantes do Estado de Pernambuco.

**Distribuição d'água pelo 3.º Batalhão Ferroviário**  
Escolas, hospitais e outras instituições abastecidos pelo batalhão — Mais de um milhão de litros d'água em dois meses

Como todos sabem, graças à colaboração prestada a Campina Grande durante os anteriores meses que a cidade atravessa no seu serviço de abastecimento d'água, pelo Terceiro Batalhão Ferroviário, que tem coberto suas vistas e necessidades e serviço dos interiores correntes dos campinenses, transportando água de mananciais distantes, para suprir a falta oriunda da precariedade do nosso serviço de Saneamento.

Mesmo depois que cessaram as crises mais agudas, por serem muitas as dificuldades que não podem ser resolvidas enquanto não for feita a adutora de Boa Definição para o caso como sistema, continua o Terceiro Batalhão Ferroviário abastecendo escolas, hospitais e

distritos pela sede.

É os cerca 7 milhões de litros de água que são distribuídos a esta população que está sendo beneficiada para o desenvolvimento da cidade, das escolas em funcionamento e para distribuição aos milhares pobres das habitações da cidade.

A esta altura de tempo já tem com o chefe eventual de Saneamento.

Cont. 4.º pag. 4 linha B

**Criação do Curso de Engenharia de Minas**  
Campina Grande escolhida para sede de importante programa de desenvolvimento econômico regional — Financiamento de 7 milhões de cruzeiros para esta cidade — Mensagem a ser encaminhada a Assembléia Legislativa

Marcha para a sua concretização e estabelecimento do Curso de Engenharia de Minas na Escola Politécnica da Universidade da Paraíba, nesta cidade.

A criação do referido Curso está relacionada ao desenvolvimento econômico do Nordeste brasileiro, acelerando a formação de técnicos especializados para o estudo e exploração das riquezas minerais desta região.

**CAMPINA GRANDE ESCOLHIDA**

Já existe em Pernambuco, iniciado o ano passado, o Curso de Geologia anexa à Universidade do Recife, com verbas concedidas pelo Ministério da Educação e Cultura que já totalizam até ano 16 milhões de cruzeiros.

O Governo da Paraíba, compreendendo a necessidade de aparelhar a Escola Politécnica desta cidade, com o fim de se formar sede de programas técnicos ao lado de Pernambuco, elaborou a presente mensagem a ser dirigida na próxima sessão da Assembléia Legislativa, propondo a criação do Curso de Engenharia de Minas em nosso Estado, tendo assim ao encontro do projeto do Governo Federal, com o intuito de fomentar novas pesquisas e aumentar as produções e aumentar a produtividade, que somente poderá ser obtido com a formação de pessoal capaz para enfrentar as tarefas necessárias.

A escolha de Campina Grande para sede do curso de Engenharia de Minas é justificada por ser esta cidade uma das mais importantes do Nordeste brasileiro, possuindo condições favoráveis para a realização de estudos e pesquisas de caráter científico e técnico, além de possuir uma população de cerca de 100 mil habitantes, o que possibilita a formação de um corpo docente e discente de qualidade.

Cont. 4.º pag. 4 linha B

**Aguias Ltda.**  
SUBRA S. A.  
moderníssimas  
ESCREVER  
lores e Registradoras  
Iniciar mecânica  
FONE: 2351 — Tel.  
PARAIBA